O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 20 DE MARÇO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1.352

As quadrilhas politicas em Portugal

Aos homens de bem de todos os paizes

(Conclusão)

A absoluta falta de honestidade pessoal, de convicções, de seriedade, de caracter,—pulha desde as unhas dos pés até á ponta dos cabellos—de que deu provas Cunha e Costa, era a absoluta falta de honestidade pessoal, de convicções, de seriedade, de caracter de quasi todos os figurantes do partido republicano. A absoluta falta de honestidade collectiva, de convicções, de seriedade, de caracter, que o partido, todo o partido, demonstrou n'esse caso Cunha e Costa, era a absoluta falta de honestidade collectiva, de convicções, de seriedade, de caracter que o partido republicano demonstrava *em tudo*.

Foi essa absoluta falta de honestidade, foi essa absoluta falta de convicções, foi essa absoluta falta de seriedade, essa absoluta falta de caracter que levou o partido republicano, *todo o partido republicano*, a combater *atrozmente* João Franco desde o primeiro dia da sua subida ao poder.

O partido republicano *convenceu-se* de que João Franco era homem para fazer governo *liberal e honesto* dentro da monarchia. E o partido republicano **não queria** que João Franco, nem ninguem, fizesse *governo liberal e honesto* dentro da monarchia.

Este é o grande facto, esta é a grande verdade, de que pode ficar certo, e bem certo, o mundo inteiro.

Anda ahi o mariola do Alpoim a proclamar monarchia liberal, monarchia democratica, monarchia séria. O que elle quer ... é *monarchia sua*. Monarchia para seu *proveito* e da sua quadrilha. Monarchia para *seu uso*.

Andam ahi os mariolas dos republicanos a falar em offerecimentos de *plataformas de principios* feitos á monarchia. O que elles querem ... é republica. Republica para seu uso, para seu proveito e da sua quadrilha.

D'isto pode estar certo, e bem certo, o mundo inteiro.

E se isto não fôra assim, como se explicaria a guerra atroz feita a João Franco por republicanos e Alpoins?

O gatuno, o cavalheiro de industria que se chama Cunha e Costa, foi *filiar* a sua fala *aos homens de bem de todos os paizes* nos actos dictatoriaes de João Franco. Mas porque assumiu João Franco a dictadura?

Não o disse o gatuno. O gatuno *falou aos homens de bem de todos os paizes* como se João Franco nunca houvesse exercido senão dictadura. O gatuno quiz deixar os *homens de bem de todos os paizes convencidos* de que João Franco não tinha tido no seu governo senão actos de dictadura. Tal foi a *imparcialidade de homem de bem* com que procedeu o gatuno.

Ora a verdade é que João Franco cahiu na dictadura porque nem monarchicos nem republicanos o queriam a governar com principios democraticos e processos honestos.

O partido progressista apoiou João Franco para o explorar em proveito proprio, *unicamente*. E todos os outros partidos monarchicos e o partido republicano o guerrearam atrozmente. De forma que João Franco chegou a ponto, ou de ficar prisioneiro do partido progressista, de ser seu instrumento, escravo de todos os seus interesses de facção e de todos os seus caprichos, ou de pedir a demissão, ou de assumir a dictadura. Esta é a verdade, a grande verdade, que está na consciencia de todos os homens d'este paiz. Tanto na consciencia dos homens honestos, como na consciencia dos bandidos.

Ninguem queria, isto é *nenhum quadrilheiro, nenhuma facção, nenhum partido* que João Franco fizesse governo democratico e governo honesto. *Ninguem se importava*, isto é, *nenhum quadrilheiro, nenhuma facção, nenhum partido*, com a boa administração e com a boa democracia. Todos queriam, apenas, servir as suas ambições ignobeis, os seus interesses abjectos de momento.

Os republicanos temeram sériamente que João Franco adiasse a hora do advento da republica. Com bom governo, isto é, respeitando João Franco os principios liberaes e fazendo administração honesta, o que seria da exploração republicana?

Se os republicanos andassem na politica por amor da patria e da democracia, é claro que lhes seria, em vez d'antipathico, sympathico todo o governo que mostrasse sérios, sinceros desejos de pôr em pratica processos d'administração honrada e principios de boa democracia. Mas andando elles na politica por simples especulação, por simples interesse de facção, claro é, tambem, que só lhes conveem governos desastrados, governos arbitrarios, governos deshonestos.

Se João Franco praticasse principios democraticos, é evidente que Alpoim perdia a unica arma que lhe resta, a do seu exclusivismo de *monarchia democratica*. Alpoim ergueu essa bandeira e não tem outra. Homem sem principios, homem sem caracter, bandido que dizia ao rei D. Carlos que não consentisse na entrada dos republicanos no parlamento, que não tivesse com os republicanos nenhuma transigencia, que os tratasse como féras, hypocrita de sachristia que ajudava á missa na nunciatura, que pedia ao papa dispensa de magro em dia de jejum e perdão por se ter batido em duello, ninguem acredita em Portugal, a sério, ninguem pode acreditar, no amor á democracia d'esse expartidario do engrandecimento real e do governo pessoal, d'esse ex-famulo de palacio, d'esse ex-beato, ex-enxota cães, ex-menino de côro de cathedral rica. Mas só por meio d'um programma democratico, que renegará sem escrupulos logo que as circumstancias lh'o permittam, pode justificar e manter a existencia do seu grupo. Se João Franco demonstrasse que nem só Alpoim era capaz de crear a monarchia democratica, a que ficaria reduzido Alpoim e o seu grupo?

Nenhum outro partido, exceptuando o partido republicano, contava tantos desavergonhados como o partido regenerador. Tantos corruptos. Tantos gatunos. Dentro da monarchia, era o partido regenerador o que contava mais bandidos. Eram os seus figurantes os mais compromettidos nos vencimentos illegaes, nos adeantamentos, nas veniagas de toda a ordem, nas portarias surdas. Ora João Franco começava a revelar grandes escandalos. Promettia trazer a lume todas as grandes tratantices. Por um lado, compromettia assim todos os grilhetas que escandalosamente haviam sugado o thesouro. Por outro lado, estabelecia confrontos e precedentes perigosos para os interesses das quadrilhas. E o partido regenerador, como o grupo Alpoim, como o partido republicano, não hesitou. Empregou todos os meios de matar á nascença o reformador perigoso e atrevido.

A Europa não pode comprehender, nem o mundo, a guerra movida a João Franco sem penetrar a fundo a politica portugueza. Sem saber que entre nós *não ha partidos*, mas bandos organisados para explorar, em proveito proprio, o poder.

Isto são bandos. Isto são quadrilhas. E' preciso que a Europa o saiba e o mundo. Os partidos portuguezes não se norteiam por nenhum ideal social e por nenhum ideal politico. Não os absorve nenhum largo plano reformador. Não se apaixonam pelos interesses da nação nem pelos interesses dos principios. Cynicamente se riem de tudo isso. E porque são assim, e porque se riem cynicamente de tudo isso, não ha em Portugal — outra verdade, outra grande verdade que importa ao mundo conhecer— nem monarchicos, nem republicanos.

Os republicanos importam-se—para a derribarem—com a existencia da monarchia. Mas os monarchicos não se importam — salva a exploração de momento — com ella para coisa nenhuma. O partido republicano formou-se, evidentemente, em cima dos desvarios dos monarchicos e pela corrente das idéas. Os homens que constituiram o partido republicano eram geralmente bem intencionados e honestos. Mas, depois, adheriu a escumalha, como em todas as epochas e com todos os partidos revolucionarios. No partido republicano se integraram todos os discolos, arruaceiros, palradores, escrevinhadores sem merito, mas com pretenções a jornalistas. Todos aquelles que não achavam logar facil na monarchia. Todos aquelles que, tendo merito real, tinham a vaidade de não querer supportar o mando dos monarchicos, ou esperavam pelo reclame facil dos partidos revolucionarios servirem mais rapidamente as suas ambições desmedidas. N'este caso estavam advogados como Affonso Costa e como Alexandre Braga. Emfim, no partido republicano—porta aberta—se integraram todos os cavalheiros d'industria, gatunos, grilhetas, que precisavam de apparencias de honestidade para poderem ser *gente*, e ainda, por cima, *falar de papo* na sociedade.

Para essa canalha, nunca houve mobil elevado que a detivesse, que a contivesse em respeito, que a fizesse esperar. E não obstante irem apanhando dos monarchicos concessões e favores a toda a hora, querem soffregamente comer o queijo todo. Portanto, os republicanos *importam-se* com a existencia da monarchia, mas para a derribarem. *Querem derribar a monarchia*. E quanto antes.

Ao contrario, os monarchicos não a defendem. Esses não teem interesse nenhum na sua conservação.

Sabendo quanto é pequeno o partido republicano, limitado quasi exclusivamente á cidade de Lisboa, vêem perfeitamente que hão de preponderar na republica como teem preponderado na monarchia. E hão de explorar a republica como teem explorado a monarchia.

Não correm os riscos d'um movimento revolucionario. Mas, tambem, não estorvam a sério os revolucionarios. Para quê? Se a monarchia viver, viveu. Se cahir, cahiu. De qualquer forma, os seus interesses de quadrilheiros ficam de pé. E é o que elles querem.

Veja bem isto a Europa. Veja bem isto o mundo todo.

Em Portugal não ha partidos. Não ha monarchicos nem republicanos. Ha bandos, organisados politicamente para exploração d'esta patria desgraçada. Abusando infamemente da incapacidade da grande massa, inculta, profundamente inculta, analphabeta, e do alheamento de uma burguezia intelligente, que, cheia de tedio, se affasta.

O que se formou, pois, contra João Franco em Portugal, foi uma conspiração de bandidos, uma colligação de torpes, e nada mais.

E é insuspeito quem diz isto. Quem diz isto nunca teve, nem tem, entendimentos alguns com *franquistas*. Nem sequer relações pessoaes, grandes ou pequenas, com qualquer figura dominante do franquismo. Sem receio de sério desmentido, cathegoricamente o affirmamos.

Quem diz isto era e é republicano. Como republicano e democrata combateu e combate todos os charlatães e todos os quadrilheiros, pois que o ser republicano não obriga a defender quadrilha alguma, nem mesmo aquella que para illudir papalvos e cohonestar torpezas affixa etiqueta republicana. E' velho habito e processo, esse do bandido se dizer homem de dignidade e de principios, esse da mulher prostituida tomar ares de matrona para passarem por honestos. Grosseiro subterfugio para quem.. se não quer deixar enganar.

Combatendo todos os charlatães, quem escreve isto tambem combateu João Franco, emquanto elle se limitou a promessas e lhe pareceu, portanto, mais um reles comediante n'este tablado de feira que se chama a politica nacional. Mas logo que os seus actos, no governo, começaram a corresponder ás suas palavras, entendemos que era um dever, em harmonia com as nossas tradições, não sacrificar a verdade, a justiça, os interesses dos principios e da patria aos ignobeis interesses partidarios. E affirmámos bem alto a justiça. E affirmámos resoluto a verdade.

Os republicanos estavam reduzidos á mais humilhante, á mais vergonhosa, á mais abjecta situação. Não entravam na camara dos deputados porque o rei, a conselho d'Alpoim e outros quadrilheiros monarchicos, não o consentia. Não tinham a menor liberdade d'imprensa nem de reunião porque o rei, a conselho e incitamento de Alpoim e mais quadrilheiros monarchicos, não o permittia. Os jornaes estavam submettidos á censura prévia. Longas horas esperavam os jornalistas republicanos que o lapis azul do juiz d'instrucção criminal marcasse nos jornaes o que lhes era e o que lhes não era permittido publicar.

Quando o lapis do juiz d'instrucção criminal se descuidava, ou se esquecia, vinham os arrestos remediar esses descuidos.

As reuniões politicas, mesmo portas a dentro dos clubs, só eram permittidas na presença da policia. E qualquer malsim tinha força e auctoridade para dissolver essas reuniões e correr a pontapés os oradores e os ouvintes.

Foi João Franco, o *dictador*, quem abriu, de par em par, a porta da camara dos deputados aos republicanos. Foi João Franco, *o dictador*, quem acabou com a censura previa e os arrestos, deixando circular a imprensa livremente. Foi João Franco, *o dictador*, quem concedeu aos inimigos do poder a faculdade de se reunirem á vontade. E elle proprio deu o exemplo, indo ás assembleias populares expor o seu programma de ministro.

No parlamento, esforçou-se João Franco mais que nenhum outro por elevar e honrar o systema representativo.

O rei acompanhou-o n'esses esforços. O rei consentiu em substituir á velha politica arbitraria e affrontosa uma politica respeitadora e liberal.

Mas succedeu aos republicanos o que succedeu sempre á canalha quando sujeita á escravidão por muitos annos. Incapazes de liberdade, indignos de liberdade, sem nenhuma comprehensão de liberdade, aproveitaram a *folga* que lhes deram para cahirem na licença mais desenfreada. Tomaram por *medo* o que era simples concessão generosa do poder. E dizemos *generosa* porque os factos subsequentes demonstraram, forçando-os a um assassinato como prova da sua absoluta impotencia, que nem tinham força para conquistar, nem força para manter a liberdade.

A esses excessos da canalha, a essa confusão da canalha, tomando a generosidade pelo medo, alliava-se o pavor de todos os tratantes que vinham vivendo e pretendiam continuar a viver dos famosos escandalos do erario. João Franco denunciava torpezas sem egual. Damas da mais alta cathegoria figuravam nos orçamentos falsificados como exercendo o mister servil d'apalpadeiras. Appareciam a receber como apontadores e carrejões das obras publicas, jornalistas e deputados.

D'aqui, uma atoarda medonha.

João Franco não sahia á rua sem perigo de ser apupado pela canalha assalariada, ou incitada por discursos e artigos cheios de mentiras e rancores. Quando se dirigia ás reuniões populares, era na rua apedrejado.

Contra o rei, e toda a familia real, inatacaveis emquanto funccionou o lapis azul da censura previa ou os arrestos dos esbirros, surgiam na imprensa enxurros de doestos, torrentes lodosas de improperios.

João Franco só tinha um caminho: assumir a dictadura ou demittir-se.

Assumiu a dictadura, e era, na verdade, o unico caminho conducente á *limpeza* que, na sociedade portugueza, se tornava e torna indispensavel. Indispensavel e urgente. Ou surge uma dictadura, uma forte, honesta e intelligente dictadura, ou Portugal, sem preparação nas grandes massas para um são regimen liberal, sem civismo, nenhum civismo, sem honestidade, nenhuma honestidade, nos chamados partidos constitucionaes — bandos politicos organisados— é um paiz á margem.

Só um caminho salvador ficava aberto em frente de João Franco: a dictadura. Não falta quem diga que o melhor recurso teria sido pedir a demissão, porque a opinião publica tornaria inevitavel, a breve praso, a sua nova ascensão ao poder. Mas para quê? Para se repetir a mesma arruaça, a mesma especulação, a mesma esterilidade?

Só um caminho salvador se abria na sua frente: a dictadura. Simplesmente, era indispensavel que elle soubesse exercer a dictadura. Não soube. E d'ahi a morte do rei. E d'ahi a sua queda desastrada.

João Franco, é preciso que a Europa o saiba ainda e o mundo, não foi um dictador, foi um arremedo de dictador. João Franco foi menos *energico* e menos *violento* que qualquer governo constitucional da Europa em periodos d'agitação vulgar. De facto, que uso fez elle, tão violentamente e traiçoeiramente combatido, das suas *terriveis leis de repressão?*

Quem lesse a fala do bandido Cunha e Costa *aos homens de bem de todos os paizes*, e não conhecesse a politica portugueza, ficaria julgando, como geralmente se julga mundo alem, que João Franco havia sido um *dictador terrivel*. Ora foi simplesmente ... um pobre homem.

Elle não suspendeu as garantias quando as bombas estalavam na cidade de Lisboa. Elle não só deixava fugir, como facilitava a fuga aos peores conspiradores. Elle não usou nunca da lei de 13 de fevereiro. Elle não mandou um unico homem para Timor. Elle não realisou prisões de caracter politico, áparte a d'alguns anarchistas presos como dynamitistas, senão nas vesperas da revolução que devia rebentar em 28 de janeiro. Elle não aproveitou essa projectada revolução para fuzilar na rua a canalha que o ameaçava de morte. Elle não se serviu de nenhum dos muitos meios que tinha á sua disposição para *eliminar* os seus inimigos mais perigosos e perversos, como poderia ter feito, por exemplo, no elevador do Pelourinho. Elle mandou cercar de todas as considerações as pessoas que prendeu nas vesperas do 28 de janeiro. Elle foi tão inoffensivo que á força de inoffensivo se tornou ... comico.

Os jornaes só eram suspensos depois de violentas incitações á revolta, e a prova está no facto da *Lucta*, jornal republicano, nunca ter sido suspenso. Essa suspensão não commovia, nem podia commover a opinião publica, farta de presencear attentados muitos mais graves n'esse genero, e, no fundo, com um profundo desprezo pela imprensa, e desprezo bem merecido. Após o 31 de janeiro de 1891, foram supprimidos todos os jornaes republicanos, apesar de só no Porto estarem suspensas as garantias. Depois da publicação da lei de 13 de fevereiro, foram supprimidos varios jornaes só por escreverem a palavra *anarchismo. A censura previa, os arrestos* eram em Portugal, com as camaras abertas, em plena vigencia do regimen constitucional, o *pão nosso de cada dia*.

O mesmo se pode dizer com relação ao adiamento das côrtes. Cem vezes as côrtes haviam sido adiadas ou dissolvidas. Era um facto vulgarissimo da vida politica portugueza. Hintze Ribeiro, sem ninguem se commover, havia pedido ao rei, nas vesperas da ascenção de João Franco ao poder, o adiamento das côrtes *sine dia*.

Então, sem um assassinato, sem uma deportação, sem uma prisão terrorista, sem nenhum martyrio sobre os poucos individuos que foram detidos como medida de prevenção, ou por estarem implicados no fabrico das bombas explosivas, tendo-se negado o dictador a aproveitar o 28 de janeiro para uma grande chacina nas ruas, a que fica reduzida a terrivel dictadura com que se pretende justificar a morte de D. Carlos e seu filho?

A quê, se cahido o dictador nunca mais ninguem se importou com as suas leis, as suas *terriveis leis*, que subsistem como na hora da maior agitação?

A' mais ignobil, á mais infame especulação de que ha memoria na historia mundial do banditismo politico.

João Franco e o rei tinham commettido, sem duvida, na sua vida publica, varios erros e varios crimes. Crimes authenticos. Erros positivos. Tudo lhes perdoaram as quadrilhas. Menos que elles ousassem, n'um rasgo final de sinceridade, tentar metter na ordem a ... desordem.

Que o rei roubasse, pouco importava. O rei tinha-se aproveitado dos adeantamentos. Não ha duvida. O rei e João Franco resolveram mal a questão dos adeantamentos. Mas não foi isso que perdeu o rei e João Franco no conceito das quadrilhas. O mal não era que o rei roubasse. Que o rei abusasse. Até ahi, estavam d'accordo as quadrilhas. O mal, o grande mal, o crime, o grande crime, era que o rei se resolvesse a *não roubar*, a pôr termo aos seus *proprios abusos*, pondo termo ... aos *abusos alheios*.

Esse é que era o mal! Esse é que era o perigo!

O rei não foi morto pelos actos maus que praticou. Foi morto ... por querer mudar de vida e verem todos que estava terminantemente resolvido a fazer com que os partidos, por seu turno ... mudassem de vida.

O rei não foi sacrificado aos seus defeitos ou aos seus crimes. Foi sacrificado ás suas qualidades e ás suas virtudes.

Esta é a grande verdade historica, que convem fazer saber á Europa e ao mundo.

Bandidos

Ha dias, o orgão official da prostituição republicana transcrevia um artigo, ou parte d'um artigo do *Matin*, em que o francez, auctor do artigo, zombava da torpe adjectivação empregada pelo reclamo barato, ou pelo elogio mutuo.

Os miseraveis! Os bandidos!

O orgão official da prostituição republicana, que não trata, invariavelmente, senão por *grande parlamentar* o rei dos bandidos, esse asqueroso pulha, ladrão emerito, canalha da mais infima especie, garoto de capello e borla que dá pelo nome de Affonso Costa, a fazer troça da adjectivação franceza!

O Affonso Costa, que escrevia em Coimbra, quando já lente da Universidade, os elogios bombasticos com que os jornaes de varias cores se lhe referiam, e que ainda hoje —cesteiro que faz um cesto faz um cento— quando não os escreve pelo menos os inspira, a considerar a adjectivação uma manifestação de decadencia!

Eu nunca vi na historia do mundo tamanha porcaria.

Eu lia, quando era pequeno, a historia de Roma. No meu tempo ainda se apprendia historia nas escolas. Hoje só se apprende ... a dar vivas á republica.

Lembra-me o horror com que se punha em confronto Bruto e Nero, Lucrecia e Agripina.

Lucrecia apunhalava-se para esconder a sua vergonha. Virginio matava a propria filha para a subtrahir á deshonra. Messalina, seculos depois, percorria os lupanares e Agripina era amante do seu proprio filho!

O titulo de cidadão era a maior honra para um romano. Mais tarde ... o habitante de Roma aviltava-se n'um servilismo immundo. E lá vinha a adjectivação. *Santo, sagrado, eterno, mestre*, eram palavras que andavam na bocca de todos os escribas do senado, do foro e das lettras.

Comtudo, nunca a adjectivação desceu ás baixezas a que desce em Alpoim, Affonso Costa, Bernardino Machado e outras salamandras democraticas. Nunca os proprios imperadores romanos exigiram o servilismo que esses miseraveis, representantes da *democracia* n'esta altura do tempo e da civilisação, ousam exigir em relação á *magestade* das suas personalidades.

O que se tem dicto d'esse Bernardino! O que Alpoim, nas suas cartas para o *Janeiro*, diz de todos os farçantes de quem quer captar as boas graças!

O circo era uma coisa immunda. Mas no circo surgiam ainda grandes actos de heroismo!

Na decadencia grega apparece Demosthenes. Na decadencia romana apparece Cicero. Alexandre Braga é o *grande orador* da decadencia portugueza!

Em todas as nações da nossa raça revivem os estigmas da grande podridão latina. Mas isto é de mais. O que se passa em Portugal excede tudo.

Leio no *Primeiro de Janeiro* que Alexandre Braga, em plena camara, gritou:

"Pergunto á consciencia de cada um se ao saberem do regicidio não sentiram como que um consolador desafogo e allivio!"

E as palavras d'este pulha — affirma-o o proprio Alpoim e o *Cornetim da Margarida* — foram ouvidas em silencio profundo!

Alexandre Braga é o ultimo devasso. De Cunha e Costa disse o pae, como já vimos: *pessimo filho, neto detestavel, irmão inutil*. Alexandre Braga, pae, exclamou, por seu turno, de Alexandre Braga, filho: *é capaz de todos os crimes; não lhe conheço senão vicios*.

Na verdade, ninguem lhe conhece senão vicios!

Comprehendia-se que um orador, cheio d'auctoridade, podesse impor silencio a uma camara inteira a fulminar um grande criminoso. Mas como poude aquella camara, aquelle ministerio, aquelle presidente, ouvir exauctorar silenciosamente, reverentemente, o rei D. Carlos por um pulha?

Todos pulhas! Todos abjectamente pulhas! Todos requerendo Pavia para os expulsar a pontapés!

Já n'outro dia aqui dissemos que, por muito mau que houvesse sido o rei D. Carlos, era infinitamente superior a estes bandalhos. Ninguem, nem monarchicos, nem republicanos, é capaz, em consciencia, de contestar esta verdade: Ninguem! Isto é uma verdade que se impõe á consciencia dos proprios bandidos.

Entre D. Carlos e Arthur Leitão, Padua Correia, Cunha e Costa, Alexandre Braga, Affonso Costa ou Margarido, não pode haver comparação. D. Carlos teria defeitos, e tinha-os. Haveria commettido erros, e havia-os commettido. Mas o que elle não era era um covarde. Mas o que elle não era era um bandalho.

Como é que em monarchia, e em plena camara monarchica, um pulha fulmina, no meio do silencio geral, do acatamento geral

melhor dizendo, um rei, e um rei victima d'um crime?

Como é que esse pulha injuria os proprios que o ouvem em religioso acatamento?

Pulhas todos!

A mim não me offende a censura feita a um rei. A mim não me offende a exauctoração d'um rei. A mim offende-me o desprezo da verdade, a affronta da justiça.

A mim offende-me a degradação, a abjecção, a falta de caracter.

E' vil o miseravel bebedo, o devasso torpe, o pútrido defensor do Leandro, a fulminar um homem muito menos criminoso do que elle, já morto, e victima d'um crime. Um homem que podia ter os defeitos que quizerem, mas que, incontestavelmente, era victima da nobre acção de procurar pôr cobro aos crimes proprios e alheios.

E' vil esse orador de circo, Demosthenes de alvaiade na cara e de guisos nos vestidos. E' vil. Mas mais vis do que elle são aquelles que o deixaram falar e o ouviram em silencio.

N'uma coisa tinha o bandido razão: em accusar os monarchicos d'ultrajante, de vergonhosa covardia. Simplesmente, a covardia monarchica é a covardia republicana. E' a covardia de todos os pulhas, de todas as creaturas sem caracter. E' a covardia de todos os villões quando se julgam a salvo da exigencia das formulas.

O presidente da camara fazia tinir o seu espadim d'esgrimista quando era interpellado directamente e bruscamente pelo sr. Egas Moniz. Mas logo que podia escapar á exigencia tyrannica dos preconceitos e das formulas, dava o vergonhoso exemplo da mais espantosa covardia.

A covardia infame com que os monarchicos, effectivamente, fugiram do rei vivo e do rei morto no dia da tragedia do Terreiro do Paço e nos dias seguintes, é a mesma covardia com que Brito Camacho, João de Menezes, e outros, *gramam* todos os pulhas da republica. E' a covardia com que os republicanos abandonariam o seu melhor chefe no campo da batalha, se a soldadesca ébria ou indisciplinada se revoltasse contra elle.

Covardes, miseraveis, pulhas todos! Só teem um hymno: *venha a nós!* Só sabem conjugar dois verbos, a fundo e a valer: o verbo *gramar* e o verbo *comer!*

Duas notas acabaram de esclarecer a idéa, aliás nitida, que eu já tinha d'isto tudo. Essa, do silencio, do acatamento com que a camara *monarchica*, em regimen *monarchico*, ouviu um pulha fazer a exauctoração de D. Carlos e a apologia do regicidio. E o descaro com que dois ou tres outros homens publicos, mas um d'elles, sobretudo, acabam de se afastar, em nome da salvação publica, do franquismo.

Um d'elles, Mello e Sousa, sobretudo!

E ha quem proteste—é Claudio, é Nero, é Messalina, é Aggripina — por receitarmos *porrada e agua á jarra* como unico remedio a isto tudo

Messalina tapa os ouvidos! Agripina cobre as faces de pudor, quando damos vela ás rajadas da indignação que nos vem, ao olharmos, angustiado e colerico, este tremedal immenso!

Margarido clama contra a nossa *linguagem desbragada*. E com elle todos os prostitutos, todos os *rufios*, todos os tombadores de queixo e invertidos d'esta patria que, peor que Roma, se abysma... n'uma cloaca sem fundo. Os pulhas, candidos e puros, que vão para o parlamento e para a imprensa sublinhar as revelações... do reverendissimo Ançã!

Pois que querem? Pois o que reclama esta infamia social, que em volta dos homens honestos se revolve, senão porrete, porrete, e mais porrete?

Como foi possivel realisar-se a reunião franquista sem que, de tantos homens, um não surgisse que, a impetos de justificadissima revolta, puzesse Mello e Souza, a empurrões, fóra da porta?

Como não appareceu, nem na assembléa nacional, nem na assembléa franquista, um homem com coragem bastante, com indignação precisa para gritar a Alexandre Braga e a Mello e Sousa: *Cale a bocca, seu bisborria?!*

Cada vez tenho mais nojo d'isto tudo. Por mais que me esforce por a não perder, eu perco de vez em quando toda a esperança de salvação d'esta terra infeliz.

Que covardia! Que miseria!

Porque não seria precisa muita coragem, e muita indignação, para expulsar da sala Mello e Souza a repelões! Como não seria precisa muita coragem e muita indignação para gritar ao advogado bebedo e corrupto do Leandro: *Cale a bocca, seu bilontra!*

Ha dias estive no Porto. Um amigo meu apresentou-me um cavalheiro d'Alijó. E não se imagina o que eu ouvi sobre Teixeira de Souza!

Em Alijó, disse-me esse cavalheiro, já ninguem bate. Mata-se só! Uma pancada, —policia correccional,—paga-se com trez mezes de cadeia. Mas quem fôr partidario de Teixeira de Souza e commetter um assassinato é,—audiencia de jury,—absolvido.

E veio-me á memoria uma carta que em tempos recebi e que não publiquei por me parecer *estapafurdia*. Um sujeito contava-me que, no dia da morte do rei, houve uma *soirée* em casa de Teixeira de Souza, em Lisboa. *Soirée intima*. Os convidados entravam em passo de dança, cantarolando. Pediam bolos ou coisa equivalente á senhora D. Francisca. O auctor da carta dizia o nome da esposa de Teixeira de Souza. Já me não lembra. Mas supponhamos que se chamava ou que se chama D. Francisca. E, comendo os bolos, continuavam no seu paço de dança, cantarolando e dizendo em surdina — dia de lucto! — *Até que emfim, até que emfim, já se respira!*

Eu suppuz que não era verdade, e ainda não sei se o é. Puz a carta de banda. Mas a conversa com o cavalheiro de Alijó trouxe-me o facto á memoria e illuminou-me o espirito.

— Teixeira de Souza é em Alijó, dizia-me o meu interlocutor, o protector mór de todos os bandidos. Eu tenho um irmão negociante. Certo assassino, preso na cadeia, mandava um dia, antevespera do seu julgamento, comprar uma coisa á loja de meu irmão. E escrevia n'um bilhete: *Mande isso, que ahi lhe vou pagar depois d'amanhã*, sem falta. Tamanha era a certeza de que seria, como de facto foi, absolvido! E é tudo assim. Esse Teixeira de Souza é talvez o mais puro representante que ha hoje em Portugal do nosso velho banditismo.

E comprovava-o com a narração de muitos factos analogos a esse do bandido que, na antevespera do julgamento, já tinha a certeza... de que seria absolvido!

Pois bem. E' para salvação da patria, para evitar a *pulverisação dos partidos*, que esse Mello e Souza, que apanhou os mais altos empregos a João Franco, as mais ricas conezias, se vae juntar, segundo todas as probabilidades... a Teixeira de Souza, em Alijó e em toda a parte protector mór de bandidos.

E para isso morreu um rei, morreu o filho do rei, cahiu do seu pedestal o homem que fez *conselheiro d'estado* Mello e Souza, e fugiu, fugiu, mundo alem, como um condemnado, um grande criminoso, um reprobo, um maldicto!

E a humanidade, a iniqua humanidade, ainda hoje enforca Judas em sabbado d'alleluia, o santo, o virtuoso Judas, que se justiçou a si proprio, arrependido!

Ah... pulhas!

Ou n'este paiz não ha homens, ou o accordar da consciencia publica será, na hora propria, tremendissimo. Porque então, não será já *porrada e agua á jarra*, mas a queima dos bandidos.

Queimados! Como unica medida de hygiene e unica medida de justiça.

Porrada e agua á jarra, não. E' pouco. Fuzilados, não. E' honra que não merecem. Enforcados, não. Enforcado morreu Judas. Queimados! Queimados! E' necessario que elles paguem com torturas as torturas, e as vergonhas, e as affrontas, que teem infligido a este pobre paiz.

Queimados! Queimados! Como unica medida de hygiene e unica medida de justiça.

Fundo de propaganda

Commissão que recebe os fundos: (1)

Major Antonio Augusto Beja
Padre José Marques de Castilho, professor e director da Escola d'Ensino Normal
Francisco Augusto da Silva Rocha, professor e director da Escola Industrial.

Transporte do ultimo numero	28$100
Joaquim de Mello Pinto Leitão (Agueda)	5$000
Antonio Passos da Costa (Mina de S. Domingos)	1$000
Major Antonio de Brito e Faro (Arganil)	2$000
Padre Francisco Pinto Ferreira (Lapa—Sernancelhe)	1$000
Para rachar as quadrilhas republiqueiras e monarchicas J. A. G. F. S. (Lisboa) (2)	30$000
Um official do exercito (Aveiro) . . .	3$000
Antonio M. de J. Duarte (Sebadelhe—Freixo de Numão)	700
Quatro leitores assiduos do *Povo de Aveiro* (Louzã)	2$000
Major Lino Augusto Ferreira (Leiria) .	500
Alfredo Pimenta (Sinfães) (3)	500
Ayres d'Almeida Barata (Alvaiazere) .	500
José Francisco Mendes Henrique (Alvaiazere)	500
Gonçalves Serra (Alvaiazere)	500
Fonseca Diniz (Alvaiazere)	500
Antonio Henriques Ferreira (Alvaiazere)	5$000
Julio Mascarenhas (Mina de S. Domingos)	1$000
Coronel Gustavo Ferreira Pinto Basto Presidente da Camara Municipal de Aveiro	5$000
Julio Gonçalves Ramos (Lisboa) . . .	3$000
Um aguedense (n.º 2)	5$000
Thalassa minusculo (Lisboa)	10$000
Dr. Ignacio Moniz Coelho da Silva (Porto)	5$000
R. A. E. (Lisboa)	20$000
João Augusto Fernandes (Porto) . . .	400
Somma	130$200

Ainda hoje não publicamos o artigo, que tencionavamos publicar sobre este assumpto, por luctarmos, como sempre, com falta d'espaço e elle não perder com o adiamento. Tanto faz hoje, como de hoje a 8 dias, como de hoje a 15 dias. Tem sempre opportunidade. Entretanto, diremos desde já que o nosso plano é generalisar o combate tal qual elle foi iniciado e vem sendo mantido pelo Povo de Aveiro.

Vae em seguida uma carta com um pensamento muito elevado e que faz honra ao seu auctor. Nós suppomos, porem, que a idéa é grande demais para este paiz.

Não ha duvida nenhuma que a obra patriotica por excellencia, e sábia, e «habil», seria completar com uma grande obra d'educação a obra «combativa» de . . . porrada e agua á jarra.

Se n'este paiz houvesse gente de tacto, não faltaria dinheiro para uma coisa e outra. Porque gente de dinheiro, ha. Porque dinheiro não falta. O que falta é tino para o saber applicar.

Desculpem-nos. Nós acostumámo-nos a falar com esta franqueza, com esta rudeza, se quizerem com esta má educação, *e, já agora, não nos emendamos. Será* má educação. *Mas tem vantagens. Olhem que tem vantagens!*

Ha gente para ahi capaz de dar um conto de reis só para ter o prazer de ver enforcado qualquer bandido republicano. E não é capaz de dar dez tostões ou dez mil reis, podendo da-los, para esta obra que encetámos, muito mais efficaz contra os quadrilheiros que quantas forcas se podessem erguer para os enforcar!

Não se illudam. A obra efficaz por excellencia é esta. Esta obra «combativa», como já se tem demonstrado, é mais poderosa que a acção material d'um exercito de soldados ou um exercito de policias. Vale mais um artigo contundente d'estes do Povo de Aveiro, *e que cahe sobre a cabeça dos quadrilheiros de toda a casta como um grande malho de ferro, que um terrivel decreto dictatorial que podesse sahir do Terreiro do Paço.*

Não hesitem, pois. Nós não temos nenhum interesse material, absolutamente nenhum, n'esta subscripção. E' quasi certo que não precisaremos d'ella para defesa do Povo de Aveiro. *Nem por isso ella deixa de ser muito util, utilissima, para generalizar, alargar, multiplicar, profundar, a obra «combativa» a que poz hombros o* Povo de Aveiro.

Seria bom, repetimos, acompanhar a obra combativa com a obra educativa. Não se pode pôr de parte a obra «combativa», e nem sequer, agora, dar preferencia á obra educativa. Foi com a obra «combativa» que as quadrilhas em geral, e a quadrilha republicana em especial, conseguiram dominar o paiz. Impor-se ao paiz. Ha de ser com a obra «combativa» que elles serão repellidos e vencidos. O que o Povo de Aveiro *já conseguiu, vê-se. O que será a sua acção multiplicada, se tiver successo a subscripção que está iniciada, é facil de calcular. No proprio successo d'essa subscripção iria já um acto de propaganda formidavel.*

Vamos á obra «combativa». Primeiro que tudo. E' o nosso plano. Mas se podessemos acompanha-la da obra educativa, o descredito dos republicanos seria definitivo.

Sabe-se como os republicanos teem abandonado completamente a obra da educação nacional. Abandono de propaganda e abandono de facto. Elles bem querem deitar poeira nos olhos do publico com meia duzia de reles escolas que dizem ser sustentadas pelos clubs republicanos. A verdade é que nada teem feito no sentido da instrucção e da educação nacional. Absolutamente nada. Teem desmoralisado, anarchisado, pervertido, sem compensações de qualquer ordem. Todo o seu dinheiro tem sido pouco, e n'isso teem gasto **centos de contos,** *para manejos revolucionarios. Ora se a burguezia conservadora, incomparavelmente mais rica que a burguezia republicana, gastasse em obras d'educação popular ao menos o que esta tem gasto em compra de armamento clandestino e outros manejos revolucionarios, repetimos, o seu prestigio seria enorme e o descredito dos republicanos profundissimo.*

Em Portugal não ha tacto, largueza de vistas, profundeza para a execução d'esse grande plano. Não ha.

Ha dinheiro. Muito dinheiro. A nós, basta-nos olhar para a enorme lista d'assignantes que aqui temos.

Nós temos assignantes riquissimos. E não são dois nem tres. São duzias d'elles. Mas a burguezia portugueza não enveredou por esse caminho, como a americana, como a ingleza, como a sueca, como, até certo ponto, a propria burguezia franceza. E contra a corrente... não vale remar.

Nem nós sabemos como tanta gente percebeu a vantagem que se podia tirar do Povo de Aveiro. *Mas vamos. Isso percebeu-se. Já foi um progresso! Jornaes com qualidades de combate, como por um acaso o* Povo de Aveiro *reuniu, não são faceis d'encontrar. Nem de crear. Era preciso aproveitar as circumstancias. Isso, repetimos, percebeu-se. O* Povo de Aveiro, *sem isso, não teria attingido a sua grande circulação de momento e a sua obra ficaria prejudicada, gravemente prejudicada. Isso viu-se. Isso percebeu-se. Assim se visse, tambem, a verdade do que estamos affirmando, isto é, que a burguezia rica, sem grande sacrificio monetario, sem, pode-se mesmo dizer, nenhum sacrificio monetario, poderia, não só alargar extraordinariamente a acção combativa, e de tão fulminantes effeitos, do* Povo de Aveiro, *como completa-la com uma grande obra educativa, elevada, patriotica, intelligente, habil, rasgada, que lhe désse um grande prestigio, prestando-se, ao mesmo tempo, á mais formal propaganda de descredito contra a quadrilha republicana.*

O que isso seria, sob a penna d'um habil jornalista de combate! Que admiraveis effeitos d'ahi se não podiam tirar!

Mas acabemos com o sonho. Não tenhamos illusões Desgraçadamente, Portugal não é patria para isso.

—

Sr.

Rogo a v. se digne inscrever-me como assignante do *Povo de Aveiro* e do livro que V. vae publicar sobre o 31 de Janeiro.

Tenho comprado no Porto o *Povo de Aveiro* e por desleixo me não tenho inscripto como assignante, mas, visto que começa a perseguição monetaria, não posso deixar de aproveitar a occasião para lhe affirmar a minha sympathia.

Chamou ainda mais a minha attenção o artigo *Boa Ideia*, que acabo de lêr no ultimo numero.

Sou pobre e vivo exclusivamente do meu trabalho pessimamente remunerado; apezar d'isso desde já me inscrevo com 5$000 réis para o fundo de propaganda, a que muito desejaria não fosse preciso dar o destino que o assignante pretende.

Julgo no emtanto muito conveniente a creação do tal fundo, que se destinaria, no caso de não ser preciso ao fim para que é creado, á fundação de um instituto de educação e ensino operario a que se daria o nome de V.

Esse instituto deveria ter missões de propaganda e educação profissional e civica pela provincia, que os seus professores percorreriam em determinadas epochas do anno, afim de educarem e instruirem o povo.

Creio que assim contribuiriamos para a satisfação do que tem sido o ardente desejo de toda a vida de V.

E' provavel que V. não disponha de tempo para me fazer saber particularmente que posso enviar em vale do correio a quota com que subscrevo, mas bastar-me-ha saber pelo *Povo de Aveiro* que estão lançados os alicerces para a criação do fundo para que eu promptamente envie a V. essa importancia.

Permitta-me ainda que, a proposito do assumpto *Alcoolismo*, que vem sendo tratado, lembre (V. muito melhor do que eu o sabe) o que se faz na Suecia, nos Estados Unidos e em outros paizes. Parece-me que o melhor meio de o combater seria fecharem as tabernas desde sabbado ao meio dia até segunda feira e imporem-se multas aos taberneiros de cujas tabernas saissem pessoas embriagadas, como me dizem que se faz na Suecia.

De V. etc.

Avelino Julio Pereira e Sousa,
Delegado do Procurador Regio em Sinfães.

(1) Ou administração d'este jornal que os entrega á commissão.
(2) Annuaes.
(3) Mensaes.

Sr. redactor.

Tão lido é o seu jornal, tão interessante elle se nos apresenta que tambem desejo contribuir com a minha quota parte de informação. Se não prestar inutilise-a. Refiro-me á dissidencia progressista que anda n'uma *roda viva* com a justiça. O que n'este momento se está a passar é comicamente extraordinario.

Pelos roubos e viciação de livros de escripturação da *Companhia d'assucares de Moçambique* são *filados* pelo menos o Ressano, o Carvalho Pessoa e o Moreira d'Almeida. Calcule, pois! Move-se tudo no sentido de, pelo menos, protelar o andamento policial. Alguma cousa elles tem obtido. Mas agora apparece o *Liberal* a chamar a attenção do ministro da justiça para o que se está passando no tribunal respectivo.

Isto por um lado. Pelo outro fazem-se exforços sobrehumanos para salvar o Camello Neves, pronunciado como mandante do assassinio de Cascaes.

O irmão Alipio Camello, ex-deputado, é *teixeirista* dos tres costados, porque o quarto consagra-o totalmente a J. Pinto dos Santos, companheiro d'escriptorio. Como bom *teixeirista* o Alipio levava o Mano a ser o cordão umbilical entre o *Mundo* e o Teixeira de Sousa. Este, alem d'isso, tem, no Affonso Costa, por intermedio do Alpoim, outro cordão a liga-lo ao Margarido.

D'ahi os artigos d'elogio do *Immundo* ao T. de Sousa, mesmo porque ha *entendimentos* para quando o novo chefe da facção *adeantadora*, dita regeneradora, ou o quer que é, seja poder.

Julgo que é este *entendimento* sabido pelo jornal o *Paiz*, que fez tremer o grupo Margarido-Alpoim-Souza.

Revolve-se tudo. Barafusta-se em todos os sentidos e direcções. As tropegas pernas do Alpoim fendem-se em escorrencias que a movimentação impõe ás varises que o atormentam. O João Pinto, atordoado, manda para o diabo a sua constante explicação da psychologia das multidões, e, rubro como um tomate, jura que já não quer ser juiz em tal confraria. O Egas Moniz, que marca com uma cruz funerea o desgraçado que lhe cahe nas mãos, berra que ha-de ser ministro por força e que se separa da firma — *Dia & C.ª* porque não quer ser *benzina* das nodoas dos que *comem*, elle que é uma verdadeira chaga moral.

Acima, porem, de toda esta porcaria, de todo este esgoto, ergue-se altivo no seu plintho de lodo, o velhacaz Centeno que a todos mette á bulha, revelando o busto na occasião opportuna, rindo-se de todos aquelles *fantoches* que elle maneja do seu escriptorio da fabrica do gaz de combinação com o *alter ego* — José da Escada. Fingindo obedecer, galhofa do pateta do Alpoim, seguro como este está aos cofres do gaz e do Nyassa como dirigente.

O José Maria a dirigir o Gaz e o Nyassa!!!

Oh ceus! Oh! terra! Oh numes!

E o *Borracho* por sua vez a prometter defesa calorosa, *emparelhando* com o Alpoim, das regalias da Coroa!

E' ver este escurentado farçante a inclinar-se para qualquer dos do Affonso Costa ou do Brito Camacho, na Camara, applaudindo-os, o que não devia ser consentido, quando aquelles histriões vomitam asneiras!!

Muito divertido tudo isto se não vissemos ir decahindo a pouco e pouco esta grande nacionalidade, esta nossa boa patria portugueza.

Agua á jarra, pois, e ávante.

CARTAS LISBOETAS

16 de março.

Não é uma novidade que lhes dou, dizendo-lhes que o director do *Povo de Aveiro* projecta para breve a publicação d'uma revista, e não é, tambem, com ideia de, antecipadamente, reclamejar essa publicação, que são tracejadas as linhas d'esta carta a ella referentes.

As revistas litterarias em Portugal teem sido sempre de ephemera duração, mas nem por isso deixaram de exercer influencia como elementos de propaganda litteraria e, algumas, poucas, até certo ponto como factores de progresso social.

Não é preciso remontar ao *Panorama*, porque se falle, agora, muito de Herculano, e da influencia que nelle exerceram o *Magazin Pittoresque*, o glorioso *papá Hugo*, Chateaubriand, a Staël e Scott, nem tão pouco aos dois *Trovadores* que animaram a veia poetica da pleiade de 1848.

Basta lembrar a *Peninsula*, em que o sabio Amorim Vianna começa a annunciar aos nossos espiritos Proudhon e Aug. Comte, e ess'outra publicação, de caracter doutrinario, o *Positivismo*, que, dirigido pelo alto espirito de Julio de Mattos de companhia com a vasta erudição d'um Theophilo Braga, attraiu ao grémio positivista uma pleiade distincta de lusos e brazileiros; a *Revista de Portugal* publicada sob a direcção eminente do mais fino artista que teem tido as lettras portuguezas, Eça de Queiroz, de collaboração com um Oliveira Martins e onde apparece, uma ou outra vez esse *Génio que era um Santo* e se chamou Anthero do Quental, e essa tentativa, infelizmente malograda da *Revista Nova*, de Fernando Reis e Mayer Garção, que se propunha saccudir os nervos entorpecidos d'uma litteratura apathica, vegetando entre um publico indifferente...

Depois... que profunda decadencia, que grande tristeza infundem as tentativas litterarias! Ausencia absoluta de espirito critico, falta de um pensamento orientador indispensavel, carencia, mesmo, de preparação n'aquelles que a tal se abalançam.

Morto Eça de Queiroz, pode dizer-se que não temos um romancista, porquanto o sr. Abel Botelho lhe seja — ainda que isto pareça heresia — d'um plano inferior, o que não é vergonha alguma para elle, e o paysagista da *Comedia do Campo* esteja muito longe de approximar-se do artista admiravel que nos legou as paginas da *Reliquia* e ess'outro livro de piedosa e nostalgica evocação que é a *Cidade e as Serras*.

Ha algumas tentativas honestas, como as de D. João de Castro na *Morte de Homem* e na *Redempção*, de Anthero de Figueiredo nos *Comicos*, de Souza Costa no *Fructo Prohibido*, é certo, mas quanto isso tudo, sem esquecer, ainda, o *Ambrosio das Mercês*, de Annibal Soares, está abaixo, e não pouco dos romances do Eça!

Poetas... paiz de poetas! mas emmudecido Junqueiro, quem ha ahi afóra Guedes Teixeira e Augusto Gil?

Assim na critica litteraria, como na theatral, onde afóra um ou dois nomes de novos com estudo e vontade de acertar, nada mais ha digno de annotação; assim na chronica, onde Guilherme de Azevedo não teve successores, e os continuadores de Beldemonio foram muito peores do que elle, como no conto, onde ninguem substituiu Fialho d'Almeida.

Vem, pois, a tempo a revista de Homem Christo, apparece no momento preciso em que se impõe como uma necessidade urgente limpar a atmosphera mental viciada da sociedade portugueza, criar e desenvolver um espirito critico indispensavel á interpretação das obras litterarias e scientificas, educar para a vida do pensamento e da acção uma mocidade corrompida por um arremêdo de democracia, viciada por um detestavel jornalismo de compadrio e por uma dissolvente litteratura de decadencia...

E' uma obra generosa essa que o director do *Povo de Aveiro* pensa levar a cabo, e da sua tenacidade e da sua illustração de esperar é que a bom termo a empreza chegue.

"As revistas litterarias—escreve o erudito Bruno—teem um mais alto valor do que o de ser uma variedade de album para *délassement* dos ociosos, a fim de que as folheiem nas longas noites de inverno, junto ao fogão, meninos que fizeram a sua primeira passagem enthusiasta pela odysseia ensanguentada do Rocambole e donzellas sentimentaes a termos de copiar os versos da publicação que teem nas mãos para os remetter aos seus desgrenhados Romeus, com o accrescimo de alguns erros ortographicos.

E continúa: "... possuem outra utilidade mais séria e mais elevada. São largas syntheses de toda uma epocha artistica, são, por assim dizer, resumos onde o historiador critico das litteraturas pode, mais facilmente do que em livros deslocados, estudar o renascimento d'uma litteratura, a influencia d'um escriptor, de uma theoria, a ligação intima e logica de individuos que parecem diametralmente oppostos, as causas e os effeitos de um movimento qualquer na opinião a formar d'um d'esses pontos sobre que o nosso espirito oscilla como um cutélo de balança na agatha em que repousa."

E, assim:

"... é um dever de todos os que se interessam pela marcha progressiva da nossa nacionalidade o trazer ao combate travado entre um antigo arranjo social que se dissolve e a nova ordem de aspirações toda a sua dedicação e toda a sua energia", pois "urge sahir do vago de declamações jacobinas em que até hoje as supremas questões sociaes se teem debatido entre nós, definindo as reformas a estabelecer desde já, os processos de reorganisação que a previsão scientifica legitimamente justifica."

E' da *Geração Nova* a citação de Bruno, livro de ha annos mas é como se fosse de hontem, flagrante como observação, verdadeiro como doutrina.

Em sua analise critica, Bruno continúa ainda:

"... aos redactores de taes revistas cumpre conduzir uma implacavel campanha contra toda a reacção absurda, contra toda a conservação inintelligente, bem como contra a impaciencia revolucionariamente utopica", e "é-lhes missão ultima o levantar o animo dos seus concidadãos da anarchia de ideias e da confusão de sentimentos em que ao presente se encontra."

Hoje já uma grande parte da mocidade que se présa pôz de lado o *Rocambole* que não a enthusiasma, apesar dos seus arrebatamentos e exageros, e o substituiu por uns fazedores de psicologias baratas, que, mesmo assim, não chegam a ser comprehendidas.

Ha lá democratasinho exaltadiço, leitor do *Mundo*, frequentador de comicios, que leia Richebourg, Montepin ou qualquer d'esses estopantes romancistas de folhetim! Elles querem melhor...

Não se contentam com menos de Balzac ou de Sthendhal, Mirbeau ou Zola, que, por causa das duvidas, leem nas traducções portuguêzas.

Alem d'isso, o mocinho lettrado d'hoje, e todos os mocinhos d'hoje são, mais ou menos, lettrados, tem suas pretensões scientificas, frequenta as bibliothecas, sabe que existiu um sujeito chamado Augusto Comte, que criou um systema de philosophia que lhe disseram ser o *positivismo*, que esse philosopho teve um discipulo de nome Littré que, por signal, fez um diccionario, já leu, pelo menos, um livro de Büchner e discutiu Lamarck e Darwin, não desconhece a existencia de le Dantec e, uma ou outra vêz, apparece com um volume da bibliotheca scientifica de E. Flamarion...

Se ainda ha donzellas que amam Romeus desgrenhados, certo é que são em numero limitadissimo. Hoje o que é *de bom tom* é amar os meninos de *sport*, uma gente que dá murros porque não sabe fazer outra coisa e apanha murros porque não serve para outra coisa, se se pertence á alta; e amar os *apostolos da Democracia*, se á bôa, mais ou menos republicanisada, burguezia se pertence.

Já ha até damas "que soffrem pelos opprimidos" e se lamentam em artiguelhos inofensivos que, quando muito, provocam um melancolico sorriso de apiedante indifferença.

Isto tem-se transformado um pouco, da apparição do livro de Bruno até hoje, mas transformação apparente, claro.

Por isso, a revista de Homem Christo vem a tempo, apparece quando é precisa, quando se impõe, mesmo, como uma necessidade.

Pois que em volta d'ella se reunam os homens de bôa vontade, os, poucos ou muitos, que sabem manejar uma penna e que, neste paiz de desorientados, se sentem com alguma energia para dizer verdades.

A todos. Aos politicos que falseiam a sua missão, aos litteratos que não sabem o que fazem, aos palradores que não sabem o que dizem, aos actores que não sabem representar e aos auctores que não sabem escrever, a todos quantos fazem d'este pobre paiz um palco de feira que inspira um mixto de piedade e de troça.

E, assim, alguma coisa se terá feito que mereça a attenção dos que sabem e possa ser util aos que estudam.

Belgavino.

Mandam-nos, recommendado, um numero do *Diario Popular*.

Fizeram muito bem. Já sabem que, sem recommendação, não lemos. Elle vem para ahi. Mas nós não lemos. Gazetas cheias de talento e de talentos, muito bem feitas, mas nós não lemos.

Sustenta o espirituoso auctor da local que nos recommendam, local publicada em resposta a outra do *Diario Illustrado*, que não seja só o *Povo de Aveiro* a entrar na camara dos pares, mas outras muitas gazetas, ou todas as gazetas de Lisboa e das provincias que assim o desejarem.

Isso terá uma vantagem, diz. A da camara arranjar alguns cobres vendendo no fim do mez, a peso, as gazetas.

Querem ver que o homemsinho, achando pouco o que usufrue como official de marinha a manobrar no largo de S. Roque, quer arranjar na camara dos pares, accumulando, um logar de moço de fretes? Está nas tradições e nos habitos da familia, isso de accumular empregos. E não haver escrupulo nenhum na escolha dos empregos. O João Franco deu com as irmãs apalpadeiras da alfandega, ou coisa assim. E com os cunhados — o director da gazeta, por exemplo — carrejões das obras publicas ou coisa equivalente.

Tambem está nas tradições e nos habitos da familia vender papeis a peso. O pae fechava o olho e uma carroça sahia logo com os papeis do pae para... vender a peso. N'aquella familia ha só um fim, nunca houve outro: *fazer dinheiro*. E faz-se dinheiro... *por qualquer processo ou systema*.

De forma que se desvendam os intuitos do espirituoso gazeteiro. E explicam-se. Teixeira de Souza cria um logar de gallego na camara dos pares. A occultas, é claro. O Teixeira de Souza, o protector mór dos assassinos d'Alijó, até é homem para dar quatro facadas n'um cidadão ao voltar de uma esquina, quanto mais para crear na camara dos pares um logar de gallego... ás escondidas. Para justificar a creação do logar de gallego... ás escondidas—sempre é bom a gente estar de bem com a consciencia—admittem-se na camara dos pares, não os jornaes de grande publicidade, sómente, e que a opinião publica haja consagrado, *mas tudo*. Offerecidos. Não se compram. Acceitam-se. Depois... vendem-se a peso. Capitulo de receita no programma economico do reformador d'Alijó! E dá-se ao Marianno de Carvalho, acostumado a vender papeis a peso desde que morreu o pae, o encargo... de vender jornaes a peso na camara dos pares.

Official de marinha e moço de fretes.

Confere!

E se quizer mais, diga, que temos muito mais para dizer.

Peça.

Não faça cerimonia.

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta até ao fim do mez a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Sr. Homem Christo.

Ha pouco tempo ainda que leio o *Povo de Aveiro*. Apenas d'elle tive conhecimento, até agora, pelas transcripções feitas em outras gazetas e pelas referencias, umas elogiosas, outras prenhes de rancor, feitas por jornaes de differentes *nuances* partidarias. Excitou-se a minha curiosidade. Tive vontade de conhecer de *visu* os motivos que havia para tornar tão celebrado um simples semanario provinciano. Vou pouco a pouco conhecendo esses motivos. São, a meu vêr, as tremendas catilinarias semanalmente publicadas contra os magnates da monarchia e da republica, e, principalmente, a grande, a inaudita coragem que V. manifesta na direcção do *Povo de Aveiro*, transformando-o em um propugnaculo invencivel, perante o qual se curvam, n'uma degradante confissão de medo, os seus adversarios que cêdo ou tarde, hão-de tentar desforçar-se do supplicio humilhante que V. tão impiedosamente lhes inflige.

Mas eu tenho uma forte mania. Gosto de penetrar o fim com que se faz uma campanha qualquer. Ha muitas vezes um fim secreto que impulsiona o agitador das massas populares para os movimentos da rua ou para o tablado dos comicios. Ha quasi sempre um mobil occulto que orienta, que arrasta vertiginosamente, como um furacão, o tribuno eloquente que troveja no parlamento ou nos centros politicos. Ha frequentemente uma intenção reservada no jornalista que escreve nervosamente artigos sobre artigos, desenvolvendo toda a actividade que pode suppôr-se em um homem adestrado nas luctas da imprensa.

Poderão dizer-me: — Você é demasiadamente pessimista. E' puramente um sceptico.

Não sou nada d'isso.

Quando sujeito a um exame rigoroso as intenções de um individuo, poucas vezes deixo de descortinar, lá ao fim, um intuito mau, um principio assente e definido, apparentemente nobre e defensavel, mas que encobre á maravilha uma intenção maldosa. Mas se, por ventura, a prova é favoravel ao examinando, não deixo de proclamar bem alto a sua sinceridade e honradez.

Na politica portugueza ha casos que me obrigam a manter sempre, de futuro, este costume.

Que grande confiança podem merecer ao povo sem argueiros nos olhos, as rajadas de eloquencia com que os propagandistas de comicio azoinam os ouvidos dos incautos? Toda a confiança. Basta ouvir contar a historia de certos matulões, como Affonso Costa e outros, que se democratisaram para se tornarem burguezes, ou por outra, que defendem o povo desgraçado e opprimido, para enriquecerem e se nobilitarem com as esporas de ouro de Magriços da Humanidade . . .

Na questão dos adeantamentos á casa real, não vimos nós tambem em campanha acêsa muitos politicos graduados, que nas duas camaras ejacularam tanta bilis raivosa sobre o rei e o seu primeiro ministro, quando afinal se apurou que n'essa campanha não existia uma só palavra, filha do zêlo e da honestidade governativa ultrajada pela prepotencia e desmandos do governo de então? Quaes os auctorisados campeões da moralidade na administração e distribuição dos dinheiros publicos? Talvez sejam Augusto José da Cunha, ou Teixeira de Souza . . os dois egregios adeantadores . . .

No jornalismo, então, nem é bom falar, tães são as contradicções e incoherencias em que cahem a todo o instante, tanto os fundibularios de penna romba e calão de almocreve, como os finos articulistas doutorados, com estylo mavioso e grande reputação de combatentes de luva branca. São todos uns mentirosos. Quanto mais affirmam mais mentem, apesar do tom de sinceridade com que escrevem as suas perlendas.

Isto em toda a imprensa partidaria. Em toda. Até mesmo na imprensa conservadora. Abundio da Silva não intrujou os nacionalistas? *Intrujou*, — é o termo. Alguem houve que sempre lhe observou os movimentos, desconfiado das suas habilidades. Pois ainda assim, conseguiu insinuar-se no animo dos dirigentes do partido, por meio da *Palavra*, onde pontificava, e por um triz não conseguiu ser eleito deputado do partido nacionalista, no Porto, nas celebres eleições de 5 de abril.

Emfim, sr. Homem Christo, de alto a baixo tudo está pervertido, tudo tresanda como a gatos mortos. Tenho razão de sobejo em continuar com a minha mania de analysar attentamente os motivos que obrigam certos reptis a moverem-se no enchurro e na vasa immunda dos esgotos, para sempre me afastar, de lenço no nariz. V. tem-se dedicado com afan á pesada obra de vergastar tanta incongruencia, tanta vilania, tanta impostura que vae nos homens da nossa politica. Porem, eu desejava vivamente que V. fizesse crear no seu semanario uma secção em que fosse utilisando os destroços do edificio que V. se abalançou a destruir até á ultima pedra. Em que bases ha-de assentar essa nova e grandiosa construcção? Espero que no esclarecido espirito de V. encontrarão echo estas considerações, aliaz despretenciosas e que talvez V. não leve a mal. A monarchicos e a republicanos fustiga V. sem dó nem piedade e com a mais recta justiça.

Todavia eu julgo interpetrar o sentir de um grande numero de leitores do *Povo de Aveiro* perguntando-lhe com franqueza:

1.º—E' V. monarchico quando flagela os republicanos?

2.º—E' V. republicano quando reprehende os monarchicos?

3.º—E' V. catholico quando se ri dos livres pensadores e atheus?

4.º—E' V. livre pensador e atheu quando critica os catholicos?

A este pequeno questionario peço que V. dê resposta no seu excellente jornal, assentando assim, para conhecimento dos seus leitores mais novos, nos principios que V. professa e defende e que pela leitura de seus escriptos a muitos se affigura serem principios, não de edificação, mas tão somente de destruição.

E' preciso que V. mais uma vez diga o que pensa e o que quer, para assim desanuvear muitas duvidas que eu sei existirem no espirito de muitos leitores do *Povo de Aveiro*.

E desculpe-me V. a minha incorrigivel mania . . .

Valpassos, Veiga do Lima, 11-3-1910

Luiz Antonio Adão Barroso

1.º Não somos monarchico quando flagellamos os republicanos.

2.º Não somos republicano quando reprehendemos os monarchicos.

3.º Não somos catholico quando nos rimos dos livres pensadores e dos atheus.

4.º Não somos livre pensador e atheu quando criticamos os catholicos.

Está satisfeito ou ficou na mesma?

Ficou na mesma, evidentemente, que é o que succede a toda a gente que *tem manias*. Mas que culpa temos nós da *sua mania* ou da falta de penetração, ou de finura, ou de lucidez da sua intellgencia?

Queira desculpar, mas a pergunta, agora, a nós, impõe-se nos tambem.

Então o senhor não comprehende que um homem flagelle os monarchicos sem ser republicano e flagelle os republicanos sem ser monarchico?

E' o espirito de bando, meu caro senhor, mettido no seu organismo até ao amago.

Porque nos rimos dos livres pensadores e atheus sem ser catholico e porque criticamos os catholicos sem precisar, para isso, de ser livre pensador e atheu? Porque não temos espirito de seita. E porque não comprehende o senhor isso? Porque tem espirito de seita.

Percebeu? Se não percebeu é rombo.

Queira desculpar, que não ha da nossa parte o menor proposito de o offender e nem sequer de o melindrar. Apenas, como sempre, pomos as coisas no campo rigoroso da logica.

E não percebeu tambem que o que queremos destruir, ou pelo menos amortecer até ao ponto de não se tornar um perigo nacional ou social, é esse espirito de bando, é esse espirito de seita de que o senhor, talvez sem dar por isso, está possuido e tanta gente n'esta terra?

Então o senhor reconhece que fustigamos os republicanos e monarchicos com a *mais recta justiça* e pergunta-nos se somos republicano quando fustigamos os monarchicos e se somos monarchico quando fustigamos os republicanos? E' muito boa! Então o senhor não vê o symbolo da justiça de olhos vendados, balança na mão esquerda e espada na mão direita?

E' muito boa!

Ou somos justo ou não somos. Somos? Então está tudo explicado. Realmente, n'esses casos . . . é mania perguntar.

Somos republicano, sim senhor. Somos livre pensador, sim senhor. Simplesmente, antes de sermos republicano e livre pensador somos amigo da justiça e da verdade. O sentimento da justiça e da verdade é um sentimento fundamental. Ser republicano ou monarchico, catholico, protestante, judeu ou livre pensador, uma coisa meramente accidental. Quem sacrifica o sentimento da justiça e da verdade a essa coisa de ser republicano ou monarchico, catholico, protestante, judeu ou livre pensador? Uma besta. Não um homem.

Não precisamos de ser monarchico para atacar os republicanos e de ser republicano para atacar os monarchicos. Basta que possuamos aquelle nobre e essencial sentimento de justiça e de verdade sem o qual . . . é uma mentira a justiça e a verdade. E a propria perfeição da humanidade.

Aproveitam os monarchicos, aproveitam os catholicos ou os crentes com a nossa verdade?

Que nos importa?

Então nós, pelo facto de sermos livre pensador e de sermos republicano, só podemos ter sentimento de justiça e de verdade quando a justiça e a verdade aproveitem aos livres pensadores e aos republicanos?

Então somos um bandido ou somos um homem? O senhor quer que sejamos um bandido ou quer que sejamos um homem?

A verdade aproveita á verdade. A justiça aproveita á justiça. Quando nós praticamos a justiça e affirmamos a verdade é só para servir a justiça e só para servir a verdade. Quem aproveitou? A justiça e a verdade. O mais é para nós uma coisa secundaria, mesquinha, miseravel.

A republica é uma verdade? Está bem. Muito bem. Nós só preferimos a republica como formula mais perfeita da justiça e da verdade. Mas quer a republica assentar n'um pedestal de mentiras e infamias? Caia sobre ella, vibrante e flammejante, a espada da justiça e da verdade.

Porque somos nós livre pensador? Porque Deus, como personalização, é para nós uma coisa inferior. Impessoal, é tão vago que foge á nossa concepção. Então, pomo-lo de parte. Não o discutimos. Nem o acceitamos, nem o rejeitamos. Mas a sua moral é a da justiça, é a da verdade, é a do bem? Admiravel! Adoptamos essa moral e festejamos toda a gente que pratique essa moral.

O crente é um tratante? Repellimos o tratante. Mas o crente é um homem justo? Abrimos os nossos braços ao homem justo, ao homem honrado.

Então nós haviamos de repellir o homem justo e honrado só por elle acreditar em Deus e nós não acreditarmos?

Então nós haviamos de acceitar um patife só por elle não acreditar em Deus como nós não acreditamos?

Não, meu caro. O nosso correligionario, o nosso verdadeiro correligionario, o nosso irmão em crenças não é o deista nem o atheista, não é o republicano nem o monarchico. E' o homem bom, o homem sério, o homem honrado. E' o homem possuido do sentimento essencial de justiça e de verdade.

E' padre? Respeito ao padre. Abençoado seja o padre!

E' livre pensador? Respeito ao livre pensador. Abençoado seja o livre pensador!

Que queremos nós então destruir? A mentira. Que queremos nós então edificar? A verdade.

Mas não ha maneira de erguer no sitio do edificio da mentira um edificio á verdade sem primeiro arrasar o edificio da mentira. Pois como queria o senhor isso? Mais uma vez, agora, occasião de perguntarmos.

Como queria o senhor isso?

Queria remendos? Não gostamos. Nunca gostámos de remendar.

Ha pouco dizia-nos um homem, sabedor d'esses assumptos: *Desde tal epocha temos gasto oito mil contos em edificios publicos, e não temos um edificio capaz de se ver, de se mostrar.*

Ora eis ahi a obra dos remendos. Eis o resultado da triste *mania* de remendar.

Não queremos remendos. Nós destruimos até aos alicerces.

O edificio da mentira, raso. E sobre esse terreno, cavado e desinfectado, desde os alicerces, depois, o edificio da verdade.

Mas o senhor quer saber quantas janellas ha de ter o edificio da verdade, não é assim? Ahi está, para nós, mais uma coisa secundaria. Ainda não fizémos a planta. Em a fazendo, mandamos-lh'a. Entretanto, continue o senhor agasalhado, se gosta, no edificio da mentira. A' sua vontade.

Mais uma coisa secundaria. Muito secundaria. A primeira condição, no homem, é ter a intelligencia aberta e ter caracter. O senhor quer um bello serviço d'instrucção publica em Portugal? Pois, meu caro senhor, se o senhor não conseguir formar o caracter do professor, pode o senhor fazer mil programmas que nunca terá instrucção publica em Portugal.

Mas formou o caracter do professor e do alumno, e não o pode formar sem formar, primeiro, o caracter nacional? Tudo o mais é secundario. Então o professor é probo, é zeloso, é sabio. Porque, estamos vendo, o senhor ainda não descobriu que até para ser sabio a primeira condição é ter caracter!

Então o professor ensina. Então o professor sabe, porque, se não for probo, não se atreve, sem saber, a ensinar. Então o professor toma a peito a sua missão. Então o professor *obriga* a ter bons programmas, bons livros, bom regimen d'estudo, tudo aproveitavel e sensato. Elle será o propulsor, o admiravel propulsor, da grande obra do ensino nacional. Mas sem caracter. . . meu caro senhor, é um mandrião, um charlatão, um trambolho, um asno. E por mais programmas que o senhor arranje, e por mais reformas que o senhor faça . . . não dá um passo a grande obra da redempção pela instrucção nacional.

O senhor quer bellas estradas, bellos canaes, bellas pontes, bellas arvorisações, bellas culturas, todo um regimen de obras publicas, agricultura, industria, fomento, por esse paiz fóra? Sem formar o caracter, ou fortalecer o caracter d'esses malandros que hoje se dizem ministros, deputados, tribunos, jornalistas, não faz nada. Ou o tribuno se chame Arroyo ou Camacho. Ou seja ministro das obras publicas o Centeno ou o Affonso Costa. Ou haja monarchia ou republica. Não faz nada. E tambem sem fortalecer o caracter d'engenheiros, funccionarios de toda ordem, lavradores, industriaes, de todos aquelles que forem precisos para essa obra admiravel.

O senhor quer um bom exercito? Antes de pensar nos quarteis, nas peças de artilharia, nas espingardas e nas mil rodas, eixos, parafusos e peçasinhas da grande machina, pense no caracter dos homens que a hão de manejar. Se tiver isso, tem machina. Mas se não tiver isso, olhe que pode montar a machina á vontade, que a machina não presta para nada.

O senhor quer que as receitas portuguezas dêem para as despezas? Primeira coisa: acabar com os ladrões! Sem acabar com os ladrões, de que valem os seus planos financeiros, por mais que elles lhes pareçam geniaes? Mystificações, meu caro senhor. Ou asneiras. Nephelibatices. Ou artes de berliques e berloques.

Um homem a deitar libras para dentro, com uma pá, e uma mulher a deitar para fóra com um bico d'alfinete, o homem nunca preenche o vacuo arranjado pela mulher na economia da casa.

Isto ouvi eu a minha mãe, que era uma mulher de rara cabeça e bom senso.

A primeira coisa é chamar este povo á realidade das coisas. Este povo, que anda embriagado ha muitos annos.

A primeira coisa é dar-lhe bom senso. A primeira coisa é dar-lhe caracter. A primeira coisa é incutir-lhe sentimento de justiça e de verdade. O resto. . . é facil. E bem facil. Obra mesquinha ou secundaria.

A primeira coisa é correr com uma tranca os charlatães e os tratantes que estabelecem e manteem este desvairamento, esta insania, esta desordem, esta mentira, esta iniquidade, toda esta teia que nos enreda, que nos bestialisa, que nos mata. O resto é facil. E bem facil.

Foi essa a obra que nos propozemos. E essa é a grande obra de educação. E essa é a grande obra de caracter. Levamo-la adeante? Levamos, se vivermos e alguem nos ajudar. Não levamos, se não vivermos e ninguem nos ajudar.

Mas receia o correspondente que nós queiramos, como o Abundio, ser deputado, ou que haja dentro em nós *intenção reservada*.

Deputado? Para quê?

Desculpe. Não o queremos offender, já dissemos, e nem sequer melindrar. Mas a sua lucidez de intelligencia não é grande.

Então o senhor julga que seriamos tão estupido que trocassemos esta grande tribuna do *Povo de Aveiro* pela tribuneca acanhada e prostituida da camara dos deputados?

Então o senhor julga que a vaidade de nos sentirmos ao lado de Centeno ou do Affonso Costa, do Feio Terenas ou do Camacho, de qualquer borrabotas de Paio Pires ou Alhos Vedros, é maior, em nós, do que esta vaidade de nos vermos director do jornal que, sem duvida, maior influencia tem hoje no elemento pensante em Portugal?

Como o senhor vê pouco!

De resto, o senhor tem razão. O senhor nunca viu homens deante de si. O senhor não tem visto deante de si senão trocatintas, engraxadores, dentistas, borrabotas, miseraveis. Ah, pobre patria!

Não, meu caro senhor. Nós temos dado a este paiz um grande exemplo de abnegação e honestidade. Temos cincoenta annos. Fizémo-los ha dias. Valemos alguma coisa. Podiamos ter d'ahi tirado algum lucro. Não tirámos nada. Não só não tiramos nada, como até deitámos fóra o pouco que legitimamente haviamos conquistado. Nunca o thesouro nos deu cinco reis que lhe não dessemos o triplo em trabalho. Nunca ninguem nos encontrou, nem directa nem indirectamente, com as mãos dentro do erario. E quando nos mandaram para casa, forçadamente, como parasita, comer alguns dos cobres d'esse erario, pegámos n'elles e atiramo-los, arriscando-nos a morrer de fome, á cara do Estado.

Nem do Estado, nem de ninguem. Nós não vivemos do Estado, nós não vivemos de ninguem. Vivemos, *exclusivamente*, com a maior independencia, do nosso trabalho.

Ora quem fez isto e faz isto, tem direito, meu senhor, a que se não formulem duvidas sobre elle aos cincoenta annos d'edade. Mas, se esse passado não é garantia sufficiente, ha uma consideração intelligente que se impõe por uma forma evidente, flagrante. E é esta:

Quem desempenha o papel que nós estamos hoje desempenhando na sociedade portugueza, quem, depois de terem pretendido *desqualifica-lo*, agita, como nós agitamos, a alma nacional, quem exerce a acção preponderante, quasi decisiva, sobre amigos e inimigos, que nós estamos exercendo em Portugal, ou está doido, ou contenta-se com esse papel, que, livrando-o honradamente da miseria, o firma, ao mesmo tempo, n'um pedestal de gloria.

Descance o cidadão de Veiga do Lima. Nós estamos muito satisfeito com a nossa sorte.

O sr. Julio Vieira da Cruz, proprietario da tabacaria Monaco, é o nosso agente exclusivo para a venda do POVO DE AVEIRO, nas ruas de Lisboa.

Collegio Militar

Sr.

No seu bom jornal teem apparecido umas queixas contra o collegio militar inteiramente particulares e pessoaes, pois que nem todos os paes terão que fazelas de egual cathegoria. Ha porem duas queixas que a todos devem pertencer, mas ao que parece nem todos se preoccupam com ellas.

Primeira e principal, a falta de alimentação. Aquelles rapazes não se alimentam como devia ser. Os pagantes estão dando 1$000 reis por dia; para os não pagantes dá o Estado *boa* contribuição, (a estes pertence pessoa minha alli a educar). Pois elles pouco mais comem que o soldado na caserna. Se vem carne, é uma fatia, da grossura d'este papel, e não podendo repetir, pois comem por ração, e isto ao jantar, porque nos almoços não apparece carne. Muitos dias ha em que se queixam de fome. Isto se passa no que diz respeito a obter forças para os nossos futuros officiaes.

2.ª queixa, relativa ao desenvolvimento physico. Alli não ha gymnastica; está entregue a um pobre official a quem tambem faltaram com ella, um rapaz sem forças, e sem illustração sobre o assumpto, que portanto a dirige mal. Poupa-se dinheiro n'estes pontos essencialissimos, e gasta-se com um professor que vae ensinar a cantar o hymno da Carta em côro, o que me parece que não deve servir a officiaes futuros, e com outros que vão ensinar a fazer caixinhas de papelão e recortes de madeira, e chama-se a isto aulas de trabalhos manuaes.

Ora V., que tem a sua cabeça onde a deve ter, avalie do que lhe digo e defenda como sabe os pobres rapazinhos, como elles merecem e precisam, e tambem os paes, que não podem educal-os em outros collegios, como succede a este seu

Admirador.

Arredores de Lisboa, em 7 de Março.

Falaremos sobre este assumpto em outro dia.

O Margarido

Sr.

Disse-nos V., ha tempos, que não tivessemos illusões com respeito a França Borges pois que nem o medo do escandalo faria recuar o bandido. *Como V. tinha razão! Elle podia ser mau collega, mau homem, mau politico e não ser mau pae; ou pelo menos, ser um pouco mais cariñoso com o seu desgraçado filho!*

Infelizmente a criança continua a ser maltratada pela mal vada mulher a quem elle a confia.

Sómente agora, é tudo feito com mais cautelas . . . não tanto á vista de todos como antigamente . . . nesse tempo, o pobre anginho ás vezes nos ensalos, estava brincando ou conversando com a gente.

De repente, ouvia a voz do seu algoz (*a Emilia d'Oliveira*) *e punha-se pallido, a tremer, perfilado, com medo. Que horror!*

A nós que, mulheres tão cheias de imperfeições e de defeitos, apenas teremos a qualidade de adorarmos os nossos filhinhos, aquillo causava-nos uma sensação horrivel. Que podiamos fazer? Apenas o que fizemos. Appellar para V., unico homem que julgamos com coração e coragem para defender um innocente!

E V. que bem o fez!

Se até aqui o admiravamos, agora ficámos sentindo por V. um grande reconhecimento. Mas com homens d'aquella malvadez nada serve, tinha V. razão.

Pobre innocente, como nos lembramos d'elle tantas vezes e como revolta não o poder libertar do seu martyrio! Quantas vezes se lê nos jornaes que foi preso um pae ou mãe por maltratar um filho. Mas com este não se importou a justiça. Que justiça!

Ha uma actriz no D. Amelia, (tão bôa, essa,) que arrancou bastantes vezes a criança das mãos da féra. A essa, que é a A. Pinto, e a V. nós de todo o coração abençoamos, e se algum dia algum dos nossos filhinhos ficasse n'este mundo desprotegido, pediriamos para elle um protector e defensor como V.: bom, franco e corajoso.

De V. com a maior admiração,

Duas leitoras e admiradoras.

Hoje não ha espaço. Mas deixem estar, minhas senhoras, que no domingo havemos de tratar do caso.

Contem com isso.

A questão do pão

. . . Sr. director do "Povo de Aveiro,

Por certo não tem escapado a V. a attitude da imprensa de Lisboa e muito especialmente a da imprensa democratica n'esta magna questão do pão, base da alimentação dos pobres, dos miseraveis!

Varios jornaes guardam silencio alheando-se dos interesses vitaes de uma população inteira e outros, especialmente os mais lidos e especialissimamente os republicanos, estão descaradamente ao lado do syndicato odioso que pretende assambarcar o fabrico do pão, publicando tudo o que apraz a esses desalmados argentarios.

Não pode V. fazer ideia da cruel decepção que tal facto tem trazido aos pobres republicanos, aos puros, aos ingenuos, aos que julgam que acima de tudo, de interesses mesquinhos, de commodidades apetecidas está a defeza da liberdade, a santa pureza dos principios democraticos, os interesses sacratissimos de uma população esmagada por pezados impostos de consumo, vergada á carestia enorme dos generos de primeira necessidade, explorada e arruinada de saude por desalmados falsificadores!

Ah! não pode fazer ideia, sr. Homem Christo, da desillusão atroz d'essas almas crentes, d'essa pobre gente que tinha os seus jornalistas como apostolos incorruptiveis e os seus chefes como defensores audazes e vigilantes das liberdades publicas e das regalias populares!

A realidade, a triste realidade entrando-lhes *d'emblée* pela alma dentro deixou-os atonitos.

Julgaram-se victimas de um pezadello atroz.

Podia lá ser . . . Os jornaes republicanos ao serviço dos inimigos do povo! . . . elles os defensores da miseria, os prégadores da fraternidade e da egualdade ao soldo dos syndicateiros. .

Mas veio o comicio do *Paraizo* de Lisboa e toda a illusão se desfez. A realidade era ainda mais cruel do que suppunham porque ao lado dos jornaes enfileiraram os apostolos, os evangelisadores, os dirigentes.

Se os jornaes fallavam pela boca dos syndicateiros, os chefes, os evangelisadores, escondiam-se para não terem de afrontar as iras do syndicato.

E a indignação d'essa gente rude explodiu. Os idolos, os fetiches queridos, cahiram aos golpes indignados d'essas illusões desfeitas.

Houve quem declarasse que se envergonhava de pertencer a um partido em que a falsidade era o traço saliente dos dirigentes, em que a imprensa se alugava como uma besta de carga.

Outros negavam a fé em tal gente.

Tem havido o diabo. E d'isso é prova a carta do Bombardino, o ridiculo *Calcinhas*, o verdadeiro, o authentico auctor do syndicato, explicando-se perante os correligionarios.

Sobre o que não ha duvidas é que todos esses jornaes e todos esses politicos que diariamente se dizem defensores do povo, deixaram a população pobre de Lisboa sem defesa perante a colossal pouca vergonha que se pretende realisar. E foram mais longe ainda na sua obra de perfidia — teem posto o melhor do seu esforço em ajudar a consumar esse monumental escandalo, que, a realisar-se, viria alem de tantos outros males fechar um ramo de actividade industrial e commercial aos trabalhadores de todos os lados já encurralados pelo capital.

Vejam lá se a vereação municipal de Lisboa já disse alguma coisa sobre o assumpto, a vereação, a sahida dos votos do povo, a vereação que se diz a representante legitima dos interesses do povo!

Nem pio!

Bem sei que ella não pode resolver a questão, mas podia, interpretando a vontade e os interesses do povo que a elegeu, mas podia, defendendo a marcha do progresso e a liberdade da industria e do commercio, manifestar, por uma energica moção, que estava ao lado do povo contra os que o pretendem explorar ainda mais e contra os que pretendem manietal-o mais do que já está. Mas os illustres edís entendem, como o resto da grei, que devem com o seu silencio applaudir o attentado, que devem pôr-se ao lado da ganancia sordida, que nem o pão, o alimento mais barato, o principal alimento do pobre deixa escapar á sua furia exploradora.

Ainda bem que assim é para que o povo veja quem são esses mystificadores.

Deixemos porem, esse aspecto da questão que V., melhor que eu, poderá fazer vibrar, como é preciso, e mostremos com factos a enormidade do attentado que, sob uma mascara de legalidade, se pretende realisar.

Vejamos a questão na sua parte historica, no seu lado ecomico e no seu aspecto legal. D'ahi tiraremos as conclusões precisas para a julgar devidamente nas suas consequencias contra a liberdade e o progresso.

* * *

Dizem as gazetas e os oradores de comicio, quando precisam tirar applausos á multidão explorada, que Lisboa é a cidade da Europa em que o pão é mais caro. E acompanham essa verdade com a mentira de que essa carestia se deve aos governantes, que não revogam a lei protectora do trigo nacional, causa, segundo elles, do preço elevado do pão.

E essa mentira tendenciosa, que pretende levar a uma lucta perigosa de classe, por querer mostrar a desegualdade com que se protege o lavrador e se carrega no operario, vem desde muitos annos, com applauso dos verdadeiros auctores do augmento de preço, a correr mundo como verdade pura e incontestavel.

Para quem, porem, se der ao trabalho de examinar serenamente os factos, verá que estes por si mesmos se encarregam do mais formal desmentido a essa velha afirmação.

Toda a gente sabe as colossaes fortunas que os moageiros da capital possuem. Um houve que, segundo se diz, começou a sua vida commercial e industrial com 500$000 reis emprestados e que trinta annos pouco mais ou menos volvidos, ao morrer, legava aos seus descendentes mais de 4:000 contos!

Como se podia operar esta maravilhosa catadupa de contos de réis? Muito facilmente. Estes graves açambarcadores da moagem não tinham concorrentes fóra de Lisboa.

Compravam na America trigos baratissimos, que traziam a Lisboa pagando direitos diminutos.

Sem lei que fiscalisasse as farinhas moiam o que queriam e misturavam o que mais lhes convinha. As suas fabricas não tinham capacidade para todo o movimento e os velhos moinhos de vento dos arredores moiam milho branco baratissimo que depois figurava como farinha do mais puro trigo argentino. Outras cousas se moiam nas fabricas algumas das quaes nunca consentiram visitantes por causa das indiscripções.

Veio tambem ajudar essas fortunas a transformação dos instrumentos de moagem permittindo realisar por um trabalho quasi todo mecanico economias importantes. Trigos portuguezes poucos havia e esses mesmos compravam-se por preços irrisorios.

Emquanto duraram as libras dos emprestimos inglezes, em quanto o oiro alheio corria por esse paiz fóra, ninguem vira ainda a profunda ferida que esse regimen abria nos flancos da nação. Mas o ouro acabou-se. Para comprar o trigo era preciso comprar o ouro e isso começou a manifestar-se na economia nacional por um aggravamento de cambios que difficultava o movimento do commercio e a vida, encarecendo os generos, os artefactos, as materias primas que havia a importar.

Ahi começou a augmentar o preço das farinhas, porque os moageiros entre sacrificar os seus lucros ou arrancar ao publico a diminuição que a compra do ouro lhes causava, não hesitaram em arrancar um boccado de pelle ao consumidor, que é o eterno explorado, o eterno sacrificado.

Mas era preciso acudir a esse estado de coisas. A agricultura portugueza apenas cultivava trigos para amostra. Por esse paiz fora os matagaes cobriam as encostas e os valles, e vastissimas charnecas cobertas de curto e enfesado mato maninho, sem uma arvore, davam á paisagem nacional uma nota desolada e selvagem.

O trabalhador dos campos, esse grande obreiro, de que o operario da capital mófa e ri, esse grande e silencioso obreiro, resignado e valente, sofria a mais cruel penuria, tendo deante dos seus olhos de proletario o aspecto da fome para si e para os filhos.

Foi n'essa altura, quando o treno de oiro correndo para o estrangeiro exhauria as forças economicas e fazia agonisar a agricultura nacional, que veio a lei protectora dos cereaes, que não é, digam o que quizerem os oradores ocos dos comicios, aquelles que julgam que o paiz é Lisboa, e os jornalistas ignorantes e imbecis, senão uma lei protectora do trabalho nacional, a lei talvez mais justa de todas as que n'esse genero se teem feito.

E são ainda os factos que o proclamam bem alto.

Olhemos a ver se depois d'essa lei o antigo quadro ainda ostenta a sua paysagem desolada e selvagem por esse paiz fóra.

Tudo mudou. No sitio dos vastos matagaes, nas extensas nodoas das charnecas em que a rasteira urze mal vegetava, ostentam-se verdejantes montes, longas campinas verdes que o verão transforma depois em bellas cearas ondulando ao vento como um mar de ouro!

Nas regiões aridas de outr'ora, o trigo lançado á terra, não produziu só a ceára, fez surgir tambem uma vida nova cheia de ruido e de trabalho fecundo e progressivo!

As velhas aldeias remoçaram e espreguiçam pelas encostas, novas casas, novos fogos.

Nas longas charnecas desoladas e nos velhos

cabeços e valles profundos abandonados ao matagal selvagem, surgiram novos cazaes de paredes brancas, novos focos de vida e pelos campos outrora nús medram os arvoredos, estendem-se as hortas bem cuidadas e limpas.

Estes são seguramente os effeitos mais bellos que se podiam esperar d'essa lei e que no coração de todos os bons patriotas a absolveriam de todos os defeitos que podesse ter. O trabalho e a economia nacional encontraram n'ella a protecção de que precisavam.

Ora essa lei e a que se lhe seguiu sobre a fiscalisação das farinhas, restringiam sem duvida o vasto campo em que até ali se espanejava a ganancia dos *gros bonets* da moagem.

Dahi o novo augmento do preço das farinhas e consequentemente o augmento do preço do pão visto ser o consumidor, como já se disse e está provado, quem paga sempre as differenças para mais, não lhe tocando nunca as differenças para menos.

E como o jornal é pequeno e precisa de tratar de outros assumptos ficarei hoje por aqui.

Um trabalhador.

—†—

O auctor d'esta correspondencia ignora, sem duvida, que já tratámos largamente, em dezenas d'artigos, a questão do pão em Portugal. E ignora tambem que a nossa opinião é diametralmente opposta á sua. Isso não nos impediu de publicar a correspondencia, porque só quem não tem opiniões ou não sabe defender as suas opiniões é que tem medo das opiniões oppostas.

Em primeiro logar, não é certo que as gazetas e os oradores de comicio hajam attribuido a carestia do pão á lei protectora do trigo nacional, e, consequentemente, hajam pedido a revogação d'essa lei aos governantes. Não, que isso ia ferir os grandes lavradores, os verdadeiros senhores da urna em Portugal. E os republicanos, como em todas as suas coisas o teem demonstrado, são os *regedoristas* e os *arrangistas* mais ignobeis que teem apparecido n'esta terra. Que morra o povo de fome, que estoire de miseria, que desappareça tudo, comtanto que os republiqueiros façam vingar os seus *interesses de momento*. Esta tem sido, esta é a tactica dos republicanos. Como haviam elles de ferir, então, os interesses gananciosos da lavoura nacional?

Não feriram. Não attribuiram nunca a carestia do pão ao escandaloso regimen dos cereaes a que estamos sujeitos ha muitos annos. Nunca pediram a revogação d'esse regimen. A *Lucta* defende-o. O *Mundo* não o combate. Antonio José d'Almeida, quanto mais Menezes ou Camacho, nunca disse na camara uma palavra contra elle. E nem o estupido Estevão de Vasconcellos (com accento forte na ultima syllaba do seu nome baptismal), o amigo dos pobresinhos, o homem das *miserias sociaes*, ousou, até hoje, abrir bico sobre o assumpto.

Nunca pediram a revogação do regimen dos cereaes, não senhor. Mas, se o houvessem pedido, *teriam cumprido o seu dever, teriam andado muito bem.*

Porque a lavoura nacional não merece protecção? De modo algum. A lavoura nacional, como todo o trabalho nacional, merece protecção. Mas o que não merece é *protecção escandalosa*. Mas o que não merece é um *vergonhoso regimen de protecção*. Mas o que não merece é que a arvorem *em oligarchia*, sacrificando aos seus interesses os interesses communs.

Não ha duvida que os moageiros exploraram, especularam, fizeram o que quizeram. E exploram, e especulam, e fazem o diabo a quatro, outra vez, se os deixarem. Quem tem civismo n'esta terra? Quem possue espirito d'equidade e de justiça? N'esta terra, na politica como fóra da politica, só domina, infelizmente, o espirito de ganancia, ou por outra, o espirito de quadrilha, do interesse illicito, do roubo.

Nós não defendemos, de modo algum, os moageiros. Nós não somos moageiro. Temos um pequeno interesse n'uma fabrica de moagem. Mas alem de termos desprezado toda a nossa vida *todos os interesses*, a importancia da fabrica de moagem e a parte que temos n'ella não seria de natureza a fazer falar qualquer pessoa sobre o assumpto *por interesse*, quanto mais nós, que, repetimos, *nunca fizemos caso de interesse nenhum.*

Nós não defendemos os moageiros.—Antes dizemos: especulam, roubam, como todos, envenenam o povo, se os deixarem especular, roubar, envenenar o povo.

Os moageiros não fizeram, os velhos moageiros, fortunas fabulosas, *por falta da lei protectora dos cereaes.* Elles fizeram fortunas fabulosas mas foi, sobretudo, *por falta de concorrencia.* E não é por existir a *lei da fome*, o actual regimen dos cereaes, escandalosissimo, estupidissimo, tyrannico, que teve e tem um unico fim: crear mais uma odiosa oligarchia, *a oligarchia dos senhores da terra*, esse regimen do qual o sr. Anselmo d'Andrade, amigo dos lavradores, diz, e muito bem, *já o havia melhor na edade média*, e não é, repetimos, por existir a actual *lei da fome*, que os moageiros presentes deixam de fazer as fortunas fabulosas que fizeram os moageiros passados. E' pela espantosa concorrencia a que estão subordinados. D'outra forma o regimen dos cereaes não os prejudicaria em coisa alguma. Nem prejudica. Nós conhecemos *muito bem* essa questão. Poucos a conhecerão melhor do que nós em Portugal. Os moageiros protestam, aliás frouxamente, contra a lei dos cereaes, porque esta os vexa e lhes difficulta os movimentos. Porque ella, para evitar a sua especulação, favorece escandalosamente a especulação dos lavradores. Não se admitte que o lavrador, tendo venda certa e preço certo, ainda tenha ingerencia sobre o imposto a lançar sobre o trigo importado, sobre as quantidades a importar, sobre a epocha da importação, sobre tudo quanto diz respeito ao regimen dos cereaes. Para que quer isso o lavrador, essa tyrannia, esse monstruoso privilegio? Para especular, para roubar, que é o termo. Para que se oppoz elle, terminantemente, á fiscalisação do trigo na raia? Para especular. Para roubar, que é o termo.

O moageiro protesta contra isso e tem razão. Não se admitte que o inhibam a elle d'especular, de roubar, para transferirem para outros o direito d'especulação e de roubo. Não se admitte que lhe prendam os movimentos, que o vexem, que o humilhem, que difficultem o seu interesse licito para favorecerem o interesse illicito dos outros. Desde que o lavrador tem preço certo, e preço altamente remunerador, o mais altamente remunerador que ha no mundo, e venda certa, não tem dircito a mais coisa nenhuma. E' o maximo da protecção que se lhe pode conceder. Que manifeste o seu trigo, e acabou-se. Manifesta-o. O moageiro é obrigado a comprar-lh'o. Compra-lh'o. E acabou-se.

O moageiro, pois, protesta e tem razão. Mas não que a lei protectora dos cereaes, em si, o prejudique em coisa alguma. Ao contrario, ainda lhe dá logar, tambem a elle, a fortes especulações. O que o prejudica é a concorrencia. O que lhe diminue o lucro, e sériamente, é a lucta com o intermediario.

Não defendemos o moageiro, como vinhamos dizendo. Seguimos nas questões sociaes o mesmo processo e adoptamos a mesma conducta que na politica. Na politica não consentimos que o direito de roubo, d'especulação, de mentira, seja transferido dos monarchicos para os republicanos. Nas questões sociaes não consentimos que o direito de roubo, d'especulação, de mentira, seja transferido d'uma classe ou d'uma industria para a outra. Abaixo todo esse espirito de quadrilha, de banditismo, ou isto nunca será um povo. O quadrilheiro, o bandido, não está só na politica. Está em toda a parte. E se queremos ser justos, e fazer obra séria, havemos de combate-lo, nós todos que tomamos a peito a obra da reconstituição do caracter nacional, em toda a parte. Abaixo esse espirito de quadrilha, esse espirito de banditismo, esse espirito de facção, esse espirito de seita.

Diz o nosso correspondente que desappareceram os matagaes, os incultos, os terrenos abandonados de cultura. Qual desappareceram! Incontestavelmente, a cultura do trigo estendeu-se. Mas muito menos do que podia e do que devia ser. E, depois, ninguem pensou, a não ser um ou outro lavrador intelligente e consciente, em melhorar as qualidades do trigo. Isso então é medonho. Medonho!

Mas este artigo vae longo. A esse caso da qualidade dos trigos, de que depende a qualidade da farinha e a qualidade do pão, voltaremos.

E falaremos então, tambem, nas padarias, nas cooperativas, na companhia de panificação. Companhia que deixou de corresponder, na verdade, ao seu fim, tornando-se, de certo modo, um escandalo. O limite das padarias teve o mesmo resultado que a escandalosa lei dos cereaes. A' sombra d'esta lei, os lavradores não teem feito senão especular. A' sombra do limite das padarias, os antigos padeiros de Lisboa, alguns dos quaes se fartaram de roubar os seus proprios collegas logo na constituição do novo gremio, não teem feito, em regra, senão uma obra de corrupção e de mentira.

Poz-se cobro, e muito bem, ás especulações dos moageiros. Mas é preciso pôr cobro tambem, e a sério, ás especulações de padeiros e lavradores.

Esta é a doutrina. Não ha outra. Não pode haver outra.

E, repetimos, voltaremos ao assumpto.

—

Já depois de composto o que ahi fica, recebemos a carta que se vae ler e a que damos publicação. Sobre assumpto de tanta importancia, isto é tribuna aberta. Podem falar os membros das cooperativas, os donos das padarias independentes, os socios ou directores da companhia de panificação, os moageiros e os lavradores. Nós abrimos a porta a todos. Na certeza de que tambem nós havemos de falar.

Digam todos da sua justiça. Nós, como representante do grande publico, diremos da nossa.

E eis ahi uma questão importantissima e . . . interessantissima.

—†—

Sr. director d'*O Povo de Aveiro.*

Conhecendo a indole independente do denodado jornal de V, sempre prompto na defesa de todas as causas justas, permitta-me V. que eu venha tambem á estacada, na questão panificadora que se debate, com a minha modesta auctoridade d'antigo padeiro, hoje retirado d'essa industria, por não ter elementos para arcar com as exigencias do regimen, portas a dentro de Lisboa, que obrigando o industrial de padaria a tão grandes despesas e sacrificios, nem sequer o garante contra as burlas de que é victima, como até agora tem succedido com a *edificante* historia das cooperativas de pão.

A lei que vigora para os panificadores é apenas um pequeno fragmento do chamado regimen cerealifero, em que a lavoura, a moagem e a panificação foram abraçadas no mesmo diploma. Pelo que respeita á panificação, é certa que alguma coisa já produziu de bom o decreto que a limitou em Lisboa e que lhe exigiu uma remodelação completa nas suas casas e no seu modo de fabrico; porque é inegavel que acabou o reinado das espeluncas servindo de padarias, e que Lisboa tem já hoje muitas dezenas d'officinas hygienicas, com bellos fornos e boas casas separadas para refeitorio e dormitorio do pessoal, coisa que d'antes não havia em parte alguma do paiz.

Dizem que o pão é caro. Assim será e cremos que realmente se poderia fabricar muito mais barato se não fossem os barbicachos da lei cerealifera, que não permitte na medida das necessidades, para haver um bom mercado de farinhas, nem a importação d'estas, nem do trigo exotico se não em parcellas diminutas e que não dão margem á concorrencia necessaria para que o padeiro possa escolher os typos de farinhas que precisa, nem as quantidades de cada typo que deseja.

Fosse livre a importação do extrangeiro da materia prima para o fabrico do pão, e já ha muito que este producto, tão indispensavel para todos e que constitue o principal alimento das classes pobres ou operarias, teria decerto baixado de preço.

N'essa lei, que dizem salvadora da lavoura nacional, da moagem e da panificação, é que é necessario bater em cheio, ao menos n'aquella restricção para a compra do trigo exotico que é a causa primordial não só da má qualidade do pão, mas do seu elevado custo, que tanto affecta os interesses do publico.

Pela publicação d'estas desataviadas linhas, que só representam uma grande verdade, se confessa muito grato quem é

De V. etc.

Ayres d'Oliveira

Pedem-nos a publicação da seguinte:

Carta aberta

Dirigida por Delphim Joaquim da Rocha, ao muito nobre e douto Commissario de Policia d'esta muito nobre e antiga cidade de Braga, o Exc.mo Snr. Doutor Antonio Malheiro Pereira de Magalhães.

Exc.mo e Nobre Snr.:—V. Exc.a como magistrado e doutor formado em leis, não podia ignorar que a Carta Constitucional determina e perceitua que a lei é egual para todos os cidadãos portuguezes, ou estes sejam nobres ou burguezes, mas essa lei fundamental da nação Portugueza, parece que V. Exc.a por vezes a esquece, e senão vejamos:

Um rapaz por nome Alfredo Augusto, que por mais de 2 annos esteve ao serviço do Nobre Visconde de Fraião, guiando o automovel d'aquelle nobre titular, que com certeza muitas vezes seria visto desempenhando tal mister por V. Exc.a e por todos os bracarenses, e apesar da vista de lynce que V. Exc.a possue, não me consta que fosse multado por não ter carta de "chauffeur„ mas logo que aquelle rapaz deixou de estar ao serviço do Nobre Visconde e veiu para minha casa, é logo attingido, com duas multas quasi successivas e levado para a esquadra debaixo de prisão! Por Deus, Senhor! ha aqui um engano, que eu, simples burguez, não sei decifrar, vindo por isso respeitosamente pedir a decifração d'elle a V. Exc.a. Como se comprehende, Senhor, que tolerasse ser guiado por espaço de dois annos o automovel do Exc.mo Snr. Visconde de Fraião por um "chauffeur„ sem carta de habilitação, mas multando e prendendo esse mesmo "chauffeur„ por não ter carta, logo, logo, que veio para casa do signatario?

Haverá por ventura duas leis no Codigo pessoal de V. Ex.a uma para os titulares e outra para os pobres burguezes? Parece bem que sim. Eu era, Senhor, um admirador fanatico de V. Ex.a mais tambem por vêr confiado o alto cargo de Commissario de Policia a uma figura tão nobre, de tanto brilho e destaque como é V.Ex.a, e com merecimentos taes, de ainda ha bem pouco tempo, ter merecido a insigne honra de ser chamado a ter exercido o alto cargo de quasi Ministro de Estado—Secretario Particular do Ministro—mas cahi das nuvens ao vêr ser parcial em quem contava encontrar só — imparcialidade e justiça igual para todos.

O "ex-chauffeur„ do Nobre Visconde de Fraião, esse pobre "chauffeur„, Senhor, está hoje mais um pouco a coberto das iras de V. Exc.a, por já ter carta legal, e eu, que do bolso me sahiram as multas que V. Exc.a em momentos de auctoridade lhe applicou na importancia de 12$000 reis, nutro a esperança de que talvez V. Exc.a m'os mandará restituir e, tanto mais o espero, por esta respeitosa suplica ser feita em epocha quaresmal que convida os christãos á paz, e a effectuar a reconciliação universal — uma das virtudes christãs a que muito preito rende o que com profundo respeito se assigna

Em Braga, aos 26 de Fevereiro de 1910.

De V. Exc.a

O mais respeitoso e humilde creado

Delphim Joaquim da Rocha.

Provincias

Alcabideche.

A REPUBLICA E . . . A MOEDA

Não sei se conhece, sr. redactor, o burgo que dá pelo nome de Alcabideche. E' um logarejo, séde de freguezia, sito no concelho de Cascaes. No anno passado, algum que se encobriu sob o pseudonimo de *Um thalassa*, vergastou fortemente no *Portugal* uma sucia reles de frequentadores de sujos tascos, sucia que constitue o—(riam-se!) *partido republicano* "da *grande capital* da Extremadura„!

A papeleta chamada *Imundo* é mascada por dois ou tres—o maximo—*dos taes sem gravata* que, em meio de copos de verdasco grunhem a palavra *republica*, sem saberem o que quer dizer. O trapo do Margarido sae dos taes *centros* (tabernas) sempre tinto de murraça ordinaria (que é mais barata).

E os *redemptores*, golfando vinhaça acclamam o que soletraram, com difficuldade no orgão da prostituição demagogica.

Quem quizer divertir-se, sem ir a theatros ou touradas, é permanecer algum tempo, (assim como quem não quer a coisa,) a ouvir os *taes* republicalhos,—que nem ao menos chegam a *gravatinhas*, porque nunca se deram ao luxo de usar um laço.

Pois estes pifios ignorantões já querem tambem acompanhar o *grande movimento democratico*, quando não fazem mais que atacar furiosamente a questão vinicola que prometteu resolver á sua parte, na crise de abundancia que nos assoberba. O *thalassa* do *Portugal* conseguiu pelo ridiculo e pelo ataque em forma, (que teve até echo na Camara Alta,) domar esta alcateia ululante de imbecis.

Agora já não fallam em revolução. E ao pronunciar esta palavra, que algum lhes ensinou a mascar com vinho no *papel* sujo, os homunculos olham em volta, como que a esperar a admiração do auditorio!!!

Mas quer saber, sr. redactor, o que elles—o que é ser intelligente!—agora **descobriram?!**

A republica já está em meio, . . . o governo não quer sangue . . . veja-se a *nova* moeda que já traz o retrato do Marquez de Pombal . . . e por isso (esta conclusão é d'elles e authentica) já é **meia republicana!!!**

Isto parece phantastico, mas é uma triste realidade. Parece incrivel que a dois passos da capital seja tão espessa a ignorancia popular que chegue a esta conclusão d'uma estupidez recalcada.

O facto da moeda semi-republicana (!) traz enthusiasmados os *valentes* caudilhos *vermelhos* (será do vinho?) da grande capital da Extremadura e sonham todas as noites com a proclamação da republica feita pelo governo de accordo com o Margarido; pobre gente! O Marquez de Pombal, que elles leram no orgão, ser inimigo dos *jasuitas*, devia *por isso* (!) ser republicano!

Oh! se ele fosse vivo, onde estaria a horda *vermelha!*

Até a estatua, que com o auxilio dos 200 contos da *nova* moeda, vae ser levantada, clamará realismo despotico, e, com gesto largo dará o nome de *Magestade*, á Santa Inquisição!

Os *sabios* de Alcabideche ignoram tudo isto, mas que fazer-lhes?

A papeleta *immunda* é o seu unico evangelho e ella é o orgão da prostituição republicana.

Mente, e mente sempre.

E elles—com enthusiasmo louco—e ignorancia crassa, esperam, fiados na *moeda*—**o grande dia!**

E não chega nunca, o momento apetecido! Elles, que de cavadôres esperam passar a ser ministros, generaes, governadores civis . . .

El-Presidente já teem!

* * *

Veja, sr. redactor, como está educada a massa democratica por esse paiz fóra. *Assim!*

O facto narrado—authentico e veridico—é simplesmente desolador no seu significado. E, mais direi de futuro. A republica de Alcabideche presta-se, que farte, para assumpto divertido. O thalassa *morreu*? Pois apparece o

Thalassa II.

—†—

Benavente, 7

Conta-se que, um dia, os prostitutos e as prostitutas accuzaram a Christo a arrependida Magdalena. O mestre, voltando-se para os accusadores, convidou a atirar a primeira pedra o que se julgasse izento de culpa. Conta-se mais que os bandidos se retiraram envergonhados. E' que os bandidos d'esse tempo ainda eram bandidos honestos, ainda eram bandidos honrados! A voz da consciencia ainda os fazia ruborizar e envergonhar dos seus crimes! Sabiam que eram ladrões, e confessavam que eram ladrões, porque a *civilisação democratica* ainda os não tinha civilisado para se fazerem passar por pessoas honradas . . . Sabiam que eram assassinos, burlões, falsificadores, gatunos, etc, etc, mas confessavam—tacitamente, que—eram tudo isto! Os bandidos de hoje são os bandidos farçantes, são os bandidos pulhas, que fizeram banca raza d'um cynismo que os caracteriza.

E foi no banditismo canalha que liquidou a democracia portugueza. E' ver como o incomparavel Anselmo Xavier em artigo de fundo d'um semanario que se diz republicano, e que, aqui, se publica, se atira aos padres, como sendo a synthese de todos os vicios e a causa de todos os males. Não admira porque o inclyto varão é a synthese de todas as virtudes . . . E, senão vejamos. Foi um padre quem vendeu á mulher do enfermeiro do hospital de Benavente um cordão de latão a 500 reis a gramma! Foi um padre que, para se pagar d'uma divida, exigiu a um pobre chefe de familia que lhe entregasse uma filha menor para satisfação dos seus bestiaes instinctos . . . Foi um padre quem burlou um pobre moleiro, vendendo-lhe um moinho hypothecado . . . Foi um padre . . . Basta!

Realmente os padres são creaturas asquerosas que o virtuoso Anselmo Xavier não pode tragar!!! . . . Ah! virtuosissimo Santo Anselmo Xavier não devemos esquecer que são ainda os padres quem querem roubar para si, para os parentes, para os amigos o cofre da Grande Commissão Nacional, onde estão as esmolas destinadas a levantar os predios dos pobres!

Não devemos ainda deixar no esquecimento, oh! Immaculado Anselmo, que foram os padres quem avaliou os seus prejuizos do terremoto em cem contos de reis, quando lhes passou pela cachimonia que todas as esmolas se encontrariam nas suas mãos! Santo, entre todos os santos da tua Egreja, tu és o varão mais immaculado, que a roza do sol cobre! Terás em mim um panegerista. Padres ao candieiro! Viva o prototypo de todas as virtudes *o mais que immaculadissimo* Anselmo Xavier!!

Vivóóóó!!!

Sinapis

Talvez, tambem fieis ao nosso proposito (apesar do tempo nos faltar) começaremos apreciando as differentes *aptidões* de certo correspondente, para o que nos não ha de faltar a precisa arte . . . . . .

E' possivel até que a occasião seja de primeirissima . . . cá por coisas . . .

Sinapis

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano. **Lisboa**—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Nuno J. C. Feijós, Rua Poaes S. Bento 141; F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Panlistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47. Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabaaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Moita do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Seixal**—Prefiro Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira, **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Guimarães**—Antonio Araujo Salgado. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. Kiosque Conçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino. **Serpa**—Celestino Alhinho. **Louzã**—Adelino P, Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. Polonia Palhas, Rua Borges Carneiro 6. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Moneiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.* **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luis Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Affonso Augusto Teixeira, Rua do Norte. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Estarreja**—Manuel Valente Mattos, Kiosque da Praça. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—Joaquim R. Andrade, Rua dos Muros. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Monte Estoril**—Gare. **Pavia**—José Couto Segundo.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Gianlorenzo Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicações.

MACHINA DE COSTURA, vende-se uma industrial quasi nova, *Bobina Central* e mesa de estensão; trata-se com José Maria da Costa Junior.

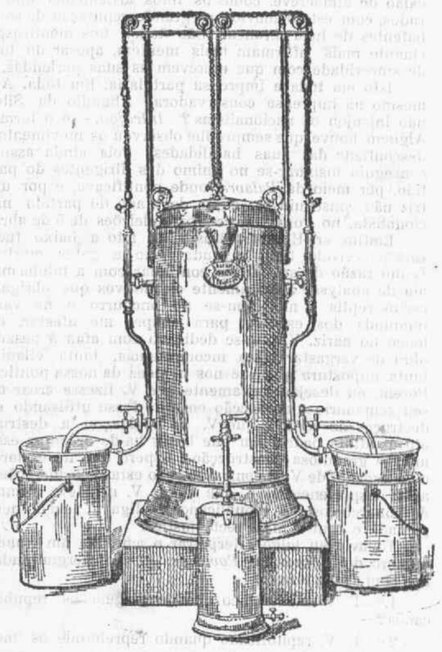
Trens de aluguer PROMPTOS a sahir a qualquer hora de dia ou de noite.—Na alquillaria Picado & Pereira

A' Ponte da Dobadoura.—AVEIRO

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª
LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento